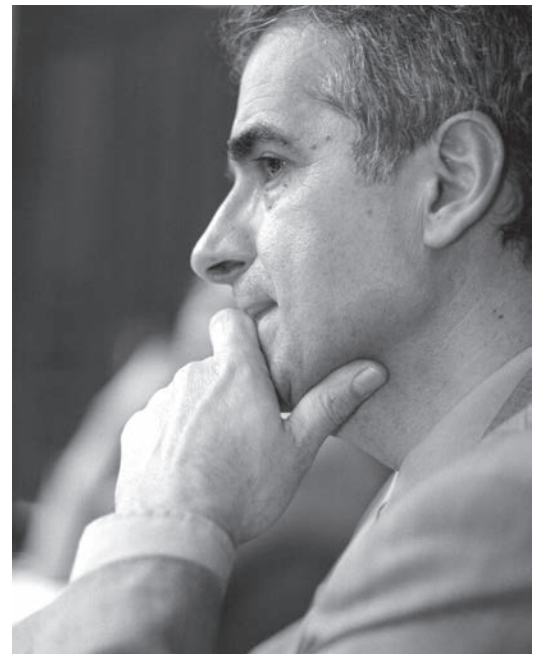


Corrupção abala crença na política

Professores da UFRGS discutem os rumos da crise que tem surpreendido o País nos últimos três meses



FOTOS: FLÁVIO DUTRA

A partir da esquerda: Fernando Ferrari Filho, Eduardo Carrion, Céli Regina Pinto e Antonio David Cattani debatem frustrações e esperanças do povo brasileiro diante da crise política

A convite do Jornal da Universidade, quatro especialistas da UFRGS participaram de entrevista e debate em que foram levantadas as causas e conseqüências da crise política brasileira. Entre os principais pontos destacados estão os métodos adotados pelo Partido dos Trabalhadores para consolidar sua base de apoio, através de alianças com partidos

cujos ideais chocam-se com as propostas sociais antes defendidas pela esquerda. Outro aspecto analisado foi a degradação moral e ética de integrantes do PT e de outros partidos da base de sustentação do Governo, além dos esquemas ilegais de financiamento das campanhas eleitorais. A cobertura da imprensa também foi criticada, pela divulgação de de-

núncias sem a devida apuração, apesar de todos terem concordado que a informação é o melhor remédio contra os abusos do poder. Os entrevistados reconhecem que é possível que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva soubesse dos desmandos que ocorreram em seu governo, porém destacam que isso não é o mais importante. A estabilidade

das instituições foi outro ponto em que os participantes concordaram, argumentando que não parece haver ameaças à democracia do País. Os professores alertam sobre o perigo de uma reforma política apressada e casuística. Quanto às possíveis conseqüências econômicas da crise, eles argumentam que haverá perdas e ganhos: se de um

lado, o arrocho fiscal tende a aumentar, de outro, a população irá dar-se conta de que a economia não é tão blindada como aparenta ser. O resultado considerado como mais positivo de toda a crise é que, a partir de agora, os brasileiros irão controlar mais tanto as campanhas políticas quanto o uso do aparelho do Estado. **Páginas 7 e central**



ELISA VIALI

Cultura A exibição de peças como *Goela Abaixo* reafirmam o compromisso do 12º Porto Alegre em Cena com a produção local. **Página 12**

O Brasil na ótica dos vizinhos latino-americanos

Internacional Como o brasileiro é visto pelos demais povos latino-americanos? A série de matérias *Nossos Vizinhos*, que começa a ser publicada neste número, procurará encontrar respostas. Nesta primeira reportagem, o sociólogo e professor do IFCH Raúl Henrique Rojo diz que um dos fatores que aju-

daram a constituir a índole brasileira é o passado menos sangrento. Durante o período das ditaduras militares na América Latina, numa população de 100 milhões de brasileiros, houve 2.500 desaparecidos, enquanto na Argentina foram 30 mil em uma população de 30 milhões. **Página 10**

Em 2025, a população do país será mais grisalha

Ciência Daqui a 20 anos, serão aproximadamente 30 milhões os brasileiros com mais de 60 anos da idade. Segundo o professor da Faculdade de Educação e coordenador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento da UFRGS, Johannes Doll, esse aumento deve-se a fatos como os baixos

índices de natalidade e a melhores condições de saúde e higiene. Neste novo contexto social, surge um outro indivíduo. Ele corre nas ruas, dança nos bailes, organiza viagens, trabalha em ONGs, freqüenta faculdades e procura manter-se sempre atualizado. Está grisalho e mais jovem. **Página 11**

Moradia organizada

Campus Dando continuidade à série de reportagens sobre as moradias estudantis da UFRGS, o Jornal da Universidade descreve o cotidiano de jovens que vêm do interior para fazer um curso universitário em Porto Alegre com pouco dinheiro no bolso. A solução é procurar as Casas de Estudantes, que são moradias baratas e organizadas. Nesta edição mostraremos como é o dia-a-dia dos moradores. **Página 5**

Reforma política

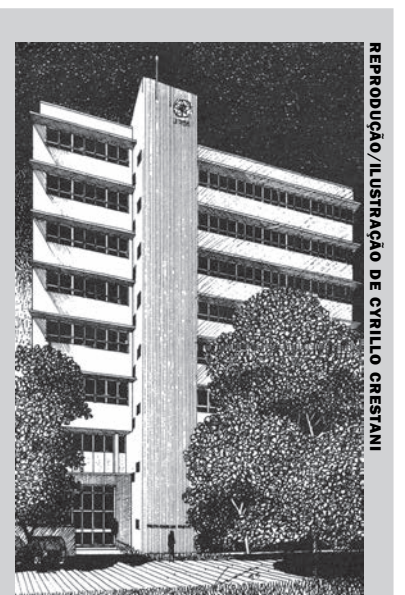
Debates O Jornal da Universidade convidou o cientista político Fernando Schüler e o professor da Faculdade de Direito da UFRGS Sérgio Borja para debaterem a reforma política. Entre os aspectos levantados, destacam-se a necessidade de despartidarização do Estado, de modernização institucional e de redução da concentração de poder, fatores que têm favorecido a corrupção. **Página 4**



FLÁVIO DUTRA

Do mestre, com afeto

Perfil O professor Cláudio Accurso dedica seu livro "Análise Macroeconômica de uma Região, Rio Grande do Sul, 1939-1955", aos formandos da Economia na turma de 1964, que o escolheram, por unanimidade, como paraninfo. Accurso tem mais dois livros prontos para serem editados. **Página 15**



REPRODUÇÃO/ILUSTRAÇÃO DE CRISTIANO GRESIANI

Farmácia, sempre na frente

Campus Ao longo de 110 anos, a Faculdade de Farmácia vem desenvolvendo atividades de vanguarda: foi a primeira Faculdade de Farmácia do Brasil a ter um Programa de Pós-graduação e a pioneira na criação de mestrado profissionalizante. Com 53 professores, 50 técnicos-administrativos, 716 alunos de graduação e 131 de pós-graduação, mantém grande interação com a sociedade, com 15 projetos de extensão e 176 projetos de pesquisa. Entre os destaques estão as análises laboratoriais vinculadas à triagem neonatal – mais conhecida como Teste do Pezinho – e a Incubadora Tecnológica de Medicamentos, criada para facilitar a implantação de novas empresas farmacêuticas. **Página 6**

Cartas

Agradeço pelo recebimento periódico do jornal e quero dizer que ele se constitui num veículo precioso de divulgação cultural, trazendo sempre matérias de interesse, que servem para nos enriquecer à medida que lemos. Parabéns.

Sinay Sander
sinay@orion.ufrgs.br

Meus cumprimentos pelo alto nível visual do novo design gráfico. Dessa forma, o bom conteúdo jornalístico do jornal se destaca, tornando sua leitura um prazer.

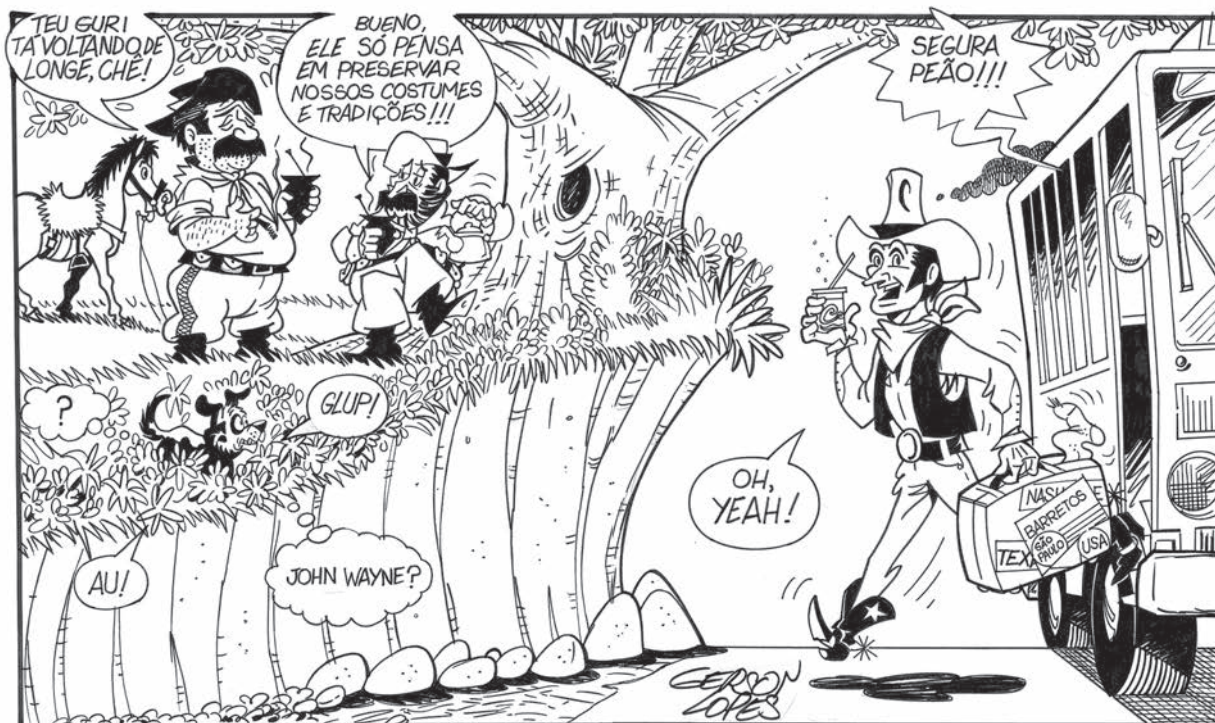
Zé Augusto Marques
Poeta e crítico de artes
jfalabrasil@terra.com.br

Sou um dos admiradores da "Tia do RU" e fiquei bastante contente com o perfil da edição número 79. Gostaria de parabenizar o jornal não apenas pela menção à Tia, mas por perceber que a matéria é bem justa quando diz que ela faz a alegria do almoço. Deixo meu voto de louvor ao repórter e ao fotógrafo pela bela reportagem.

Weldson Q. de Lima
wlma@inf.ufrgs.br

Cartas para esta seção:
Jornal da Universidade
Av. Paulo Gama, 110
8º andar, CEP 90046-900
Porto Alegre, RS
e-mail: jornal@ufrgs.br

Charge



Gerson Lopes

Espaço da Reitoria

Iniciativas bem-sucedidas

A cada início de semestre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul sente-se revigorada com a chegada de novos alunos e também com o retorno daqueles que já fazem parte de nossa comunidade. Uma série de iniciativas foram tomadas para melhorar o atendimento à comunidade acadêmica.

Graças ao esforço conjunto da Pró-Reitoria de Graduação e dos Departamentos, durante o período não letivo, foram realizados os processos seletivos de professor substituto para que, no início do semestre, já estivessem todos contratados. Concluímos também o processo de ingresso extravestibular, que possibilitou a entrada de 219 novos alunos de graduação,

atendendo às constantes demandas da sociedade. A todos nossas boas-vindas e sucesso em suas atividades acadêmicas.

Outro avanço importante está ocorrendo no sistema de matrícula da UFRGS, que numa iniciativa da Pró-Reitoria de Graduação, com o apoio das Comissões de Graduação e das Unidades, vem a cada ano reduzindo a necessidade de matrícula presencial e a correção de matrícula – processo desgastante e muitas vezes traumático para alunos e professores. Neste semestre, 90% dos alunos habilitados solicitaram matrícula via Internet, num total de 18.249 alunos, sendo que 78% tiveram a totalidade de suas demandas atendidas.

Temos mais um motivo para comemorar. Recentemente, o espaço da cúpula central do prédio do Instituto Parobé foi totalmente remodelado pela Secretaria do Patrimônio Histórico, sendo transformado em um auditório com capacidade para 124 pessoas.

Com este número, o Jornal da Universidade completa oito anos. Mesmo com as mudanças naturais ocorridas, a continuidade deste e de outros projetos traduz nossa maturidade administrativa, transformando bem-sucedidas iniciativas de gestão em projetos permanentes de nossa universidade.

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110
Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS
CEP 90046-900
Fone: (51) 3316-7000
www.ufrgs.br

Reitor
José Carlos Ferraz Hennemann
Vice-reitor
Pedro Cezar Dutra Fonseca
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretária de Com. Social
Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação da Secretaria
de Comunicação Social da UFRGS
Fone/fax: (51) 3316-3368
www.jornal.ufrgs.br

Conselho Editorial
Aron Taitelbaun, César Antonio Leal,
Diogo Onofre Gomes de Souza,
Eduardo Pedro Corsetti,
Enno Dagoberto Liedke Filho,
Luís Augusto Fischer, Marcia Benetti
Machado, Maria Heloisa Lenz e
Paulo Francisco Estrella Faria

REDAÇÃO
Editora-chefe
Ânia Chala
Editor-executivo
Ademar Vargas de Freitas
Secretária de redação
Sandra Salgado
Repórteres
Jacira Cabral da Silveira e Sonia Torres
Projeto gráfico e diagramação
Juliano Bruni Pereira
Fotografia
Flávio Dutra
Ilustrações
Gerson Lopes e José Pedro Bortolini
Revisão
Israel Pedroso
Colaboraram nesta edição
Caroline da Silva, Fabiane M. Lima,
Janine Mogendorff e Tanira Dornelles
Circulação
Arthur Bloise
Fotolitos e Impressão
Gazeta do Sul S.A.
Tiragem
12 mil exemplares

Artigo

A febre do clima

A palavra febre pode ser usada em dois sentidos, um para expressar o aumento da temperatura, e outro, para mostrar algo que se repete ou está em moda. Estes dois sentidos de "febre" podem bem representar o que ocorre atualmente com o clima no planeta Terra, pois os dados climáticos globais têm demonstrado um aumento da temperatura média anual do mesmo, e o assunto tem sido apresentado e discutido cotidianamente.

Quando se diz que o clima do planeta está mudando e que sua temperatura tem se elevado, fato este também denominado de aquecimento global ou de mudanças climáticas, devemos ter o conhecimento de que, na verdade, o que os dados nos mostram é uma representação limitada do comportamento do clima das diversas regiões da Terra. Pois, o termo "clima" significa as características climáticas individuais das diversas paisagens existentes nas diferentes latitudes e altitudes, bem como da sua posição sobre a superfície terrestre.

O aquecimento global e as mudanças do clima têm nos preocupado porque podem provocar alterações significativas em nossas atividades cotidianas. Dois exemplos recentes dessas alterações foram a necessidade de racionamento de água em diversos municípios do Rio Grande do Sul, no último verão, em virtude de uma forte estiagem, ou as conseqüências de um fenômeno anômalo como o "furacão

Catarina", que nasceu de um sistema frontal (uma frente fria), comum em nossa região, mas que se desenvolveu de forma inesperada, adquirindo as características de um furacão, fato inédito na Região Sul.

Entre os processos que o aquecimento global e as mudanças do clima podem influenciar, estão a intensidade, a frequência e a maneira como se desenvolvem os sistemas frontais sobre nosso estado. A transformação no comportamento dos sistemas frontais sobre o Rio Grande do Sul pode resultar em maior intensidade e frequência de fenômenos como enchentes, estiagens, granizo e vendavais.

Analisando os dados climáticos de Porto Alegre dos últimos 94 anos, que podem ser representativos para o Rio Grande do Sul, observa-se uma elevação da temperatura mínima média anual em 1°C, um aumento significativo dos dias nublados (+20%) e uma redução expressiva do número de horas anuais de insolação (-20%). As outras variáveis climáticas não sofreram alterações tão importantes. Estas mudanças observadas se devem à forma como os sistemas frontais têm se desenvolvido sobre o nosso estado, mantendo a nebulosidade por maior período de tempo sobre a região.

O fato de que os sistemas frontais estejam provocando um aumento da cobertura de nuvens sobre o Rio Grande

*As mudanças
do clima podem
provocar
alterações
significativas
em nossas
atividades
cotidianas*

do Sul, e estas estejam produzindo um efeito estufa que impede um forte resfriamento noturno, tem feito com que as temperaturas mínimas não sejam tão baixas como nas décadas iniciais da série de dados. Então, os invernos gaúchos estão menos rigorosos do que antigamente.

Da análise dos dados climáticos de Porto Alegre, podemos assinalar que a febre detectada no planeta como um todo não está perceptível em nossa região da mesma forma. O que percebemos é a nebulosidade se apresentando como a variável que teve o seu comportamento alterado significativamente,

com suas conseqüências. Mas nada nos garante que, no futuro, outras variáveis não venham a apresentar variações igualmente significativas.

Fernando Pohlmann Livi
Professor do Departamento de Geografia
do Instituto de Geociências - UFRGS



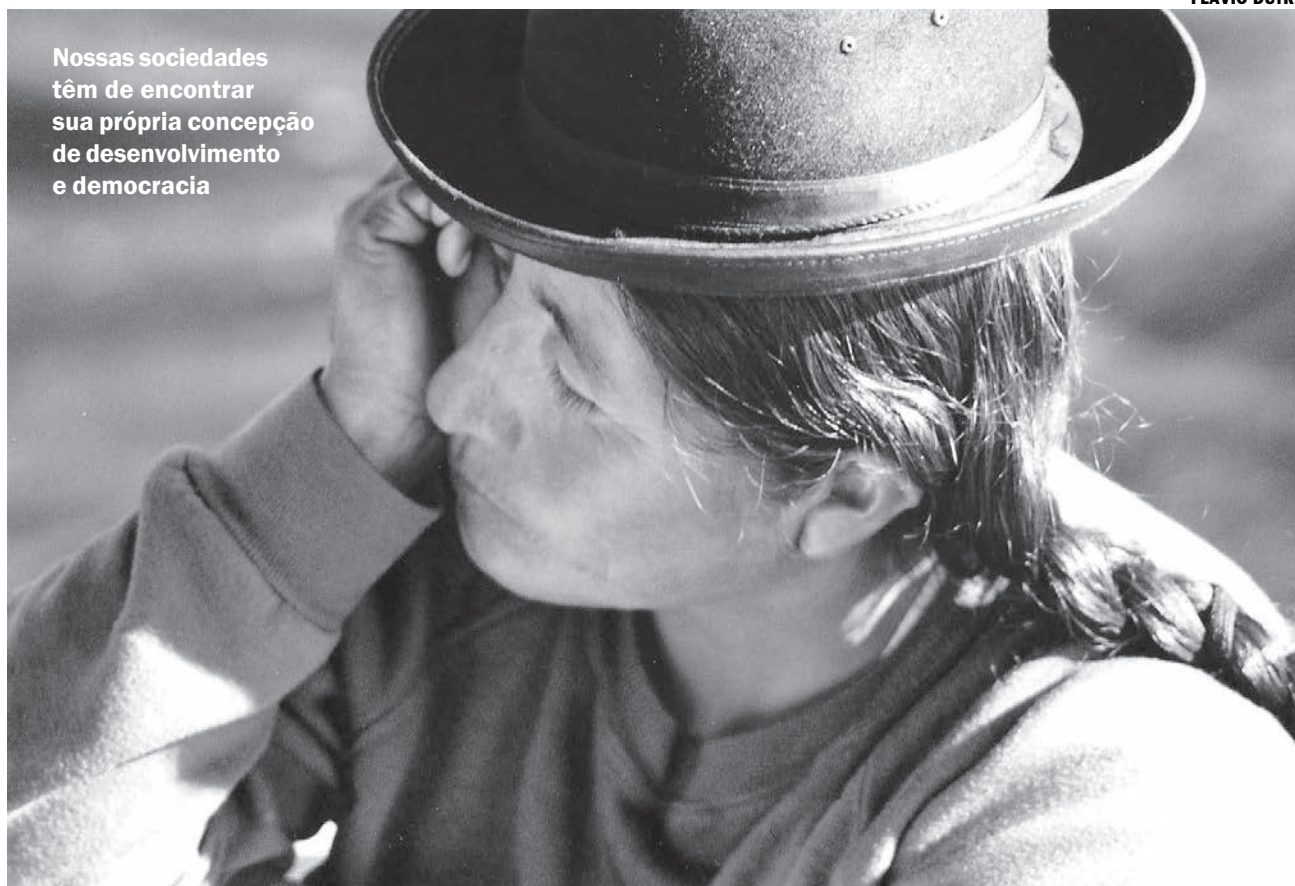
ARTI: GERSON LOPES

Crise e democracia na América Latina

O Departamento de Sociologia e o Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas promoveram, em agosto, em Porto Alegre, o XXV Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia. Divulgamos a seguir o pensamento de dois dos especialistas no assunto.

O primeiro é Lucio Oliver Costilla, do México, que reflete sobre as novas possibilidades de desenvolvimento e democracia para a América Latina neste começo de século: "As novas possibilidades estão no terreno do público societal, no qual a sociedade organizada numa cidadania ativa se apropria dos espaços públicos para determinar suas políticas de desenvolvimento, sua democracia e suas instituições. Nossas sociedades têm que encontrar sua própria concepção de desenvolvimento e democracia em uma heróica auto-afirmação e integração política popular, numa luta contra o domínio atual das burocracias midiáticas e das políticas de ajuste estrutural dos chamados Estados de (in)competência neoliberal".

O sociólogo chileno Manuel Antonio Boeza analisa como as entidades organizadas da socieda-



Nossas sociedades têm de encontrar sua própria concepção de desenvolvimento e democracia

de civil podem contribuir para um futuro positivo da América Latina: "A sociedade civil é um elemento-chave na demanda de construção de uma globalização diferente, também chamada de alter-globalização, em que os fatores humanos e sociais retomem relevância. Apenas a sociedade ci-

vil organizada está em condições efetivas de exigir uma devida rehumanização destes macro-processos em escala mundial, que operam apenas com uma lógica econômica. É em razão desta lógica única que, por exemplo, se prevê nos próximos anos a morte de aproximadamente 20 mi-

lhões de africanos por causa da miséria. Até que ponto o capitalismo globalizado seguirá jogando com o destino de milhões de seres humanos? A resposta a esta pergunta crucial depende de sociedades civis organizadas e mobilizadas contra o projeto de exclusão, da pobreza e da fome".

Breves

Unimed

Reorganizar os arquivos do convênio UFRGS/Unimed para ter conhecimento mais adequado dos benefícios é o objetivo da nova comissão Unimed, coordenada pelo professor Mário Cesar Cassel. Todos os integrantes do grupo trabalham voluntariamente. Informações pelo telefone 3316-3179.

Livraria Virtual

Já está em funcionamento a Livraria Virtual da Editora da UFRGS. Cerca de 800 títulos podem ser adquiridos através de pagamento de doc bancário ou débito em conta, com entrega via Sedex. Os interessados terão acesso a um catálogo atualizado com resenhas e imagens completas, além de acesso a uma ficha cadastral de cliente, para posterior divulgação das novidades da Editora. O site é www.livraria.ufrgs.br.

Internet

A Faculdade de Agronomia já está com sua nova página na Internet. Além da parte aberta ao público em geral, existe uma área de acesso restrito para alunos de graduação, servidores técnico-administrativos e docentes. O site é www.ufrgs.br/agro.

Prêmio

A aluna da Escola de Engenharia da UFRGS, Gabriela Benderoviz Mendes Ribeiro, com seu trabalho na área de biomateriais, ficou em segundo lugar na classificação geral do 7º Congresso de Estudantes de Ciências e Engenharia de Materiais, realizado em Porto Alegre. No evento foram apresentados 29 trabalhos, além de simpósios, minicursos e visitas técnicas a empresas.

Política ambiental

Começou a ser implementada uma política de meio ambiente dentro da UFRGS, através da nomeação de uma comissão, encarregada de detectar impactos ambientais, sob a coordenação do professor Darci Campani, superintendente de Infra-estrutura. Em setembro, ocorre a segunda reunião do grupo com representantes de diversos setores da Universidade para discutir propostas de uma política ambiental para a UFRGS e definir o perfil do agente ambiental em cada unidade.

Professora Emérita

A professora Tânia Carvalhal recebeu, em agosto, o título de Professor Emérito em cerimônia presidida pelo reitor José Carlos Ferraz Hennemann. A homenageada fez mestrado em Letras na UFRGS e doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo (USP). Em 1993, concluiu o pós-doutorado na Universidade de Paris IV (Sorbonne), na França.

Perfil social do aluno

O projeto Conexões de Saberes está realizando pesquisa para elaborar um perfil social básico dos estudantes de graduação dos cursos da UFRGS. Para viabilizar o trabalho, a Prorext está solicitando a participação de todos os graduandos. Os estudantes devem acessar o Portal do Aluno e preencher o formulário Conexões de Saberes. Informações no site www.prorext.ufrgs.br/Deds/conex/conex_index.htm.



Saúde

Controlando anúncios

Alunos da Farmácia, Medicina, Odontologia, Direito, Comunicação e Nutrição participam do trabalho de monitoramento de anúncios de medicamentos e alimentos, em um convênio da Universidade com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Segundo a coordenadora do projeto, professora Tânia Alves Amador, da Faculdade de Farmácia, na primeira etapa, a UFRGS e outras 19 universidades enviaram à Anvisa a análise de 4.289 peças publicitárias de todo o Brasil. Cerca de 50% deste total era de medicamentos que devem ser vendidos sob prescrição médica, sendo que 25% dos fabricantes foram autuados. Os principais problemas foram de ausência de aviso de contra-indicações e propaganda sugerindo menor risco para a saúde. A intenção do trabalho não é só fiscalizar, mas também formar alunos mais críticos em relação aos anúncios de medicamentos e de alimentos.

Edição e redação

Sandra Salgado
Fone: 3316-3497
E-mail: sandra.salgado@ufrgs.br
Colaborou Assessoria de Imprensa (Secom/UFRGS)

Projeto

Centro de Meteorologia

O professor Nelson Maculan Filho, secretário da Educação Superior do MEC esteve reunido com o reitor da UFRGS, representantes de todas as universidades federais gaúchas, da PUCRS, autoridades do governo estadual e com o reitor da Universidade da República, do Uruguai, para avaliar a criação de um Centro de Meteorologia do Mercosul, com sede em Montevidéu. A UFRGS terá um papel estratégico, através do CESUP, Centro de Supercomputação, que fará o trabalho de base matemática aplicada. Maculan afirmou que, até agora, as iniciativas do Mercosul deixaram de lado a parte científica, tecnológica e educacional, priorizando os aspectos comerciais. Para ele, a meteorologia é uma área de pesquisa com escassos investimentos no Hemisfério Sul, sendo que os dados sobre as condições atmosféricas são muito pouco trabalhados, impossibilitando a reatualização de previsões sobre catástrofes climáticas.

Atendimento

Orientação profissional

Este é o novo projeto da SAE, Secretaria de Assuntos Estudantis, para os moradores das Casas de Estudantes. A idéia é auxiliar os alunos das três Casas da UFRGS, que estejam com problemas de desempenho nos cursos escolhidos. Para as responsáveis pelo trabalho, Mariza Helena Souza Lima, pedagoga, e Luciane Bello, assistente social, o ponto crítico não é o curso, mas as questões de saúde, familiares ou de relacionamento com os colegas. O trabalho é feito através de encontros quinzenais individuais. Informações pelo telefone 3316-3083.

Alunos

Programa de Benefícios da SAE

Estão abertas até 23 de setembro as inscrições para o programa de benefícios da UFRGS, composto por restaurante universitário, bolsa permanência e programa de saúde. Podem inscrever-se alunos dos cursos de graduação e da Escola Técnica.

Intercâmbio

Estudantes chineses

A UFRGS recebeu um grupo de 24 estudantes e uma professora da China que, durante um ano, irão aperfeiçoar seus conhecimentos em nossa língua, estudando a realidade brasileira e as formas de jornalismo praticadas no Brasil. A vinda dos estudantes integra o acordo de cooperação com a China, iniciado em março com a chegada de um professor de mandarim. Com o grupo, aumenta para 389 o número de estrangeiros estudando na UFRGS, o que reforça a tendência de abertura da instituição.

Patrimônio

Recuperação de prédio histórico

A Escola de Engenharia comemorou 109 anos em agosto e os 35 anos do Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil. A data foi marcada pela inauguração do auditório da Cúpula Central do Instituto Parobé, que corresponde à conclusão da primeira etapa das obras de restauração. Construído em estilo neoclássico, o prédio integra o Projeto de Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da Universidade e, depois de restaurado, sediará a Biblioteca Central.





REFORMA POLÍTICA

Entre as muitas discussões surgidas na esteira da crise que agita o país, a da reforma política é, sem dúvida, a mais recorrente. Sempre que o Brasil é sacudido por denúncias de corrupção e mau uso da máquina pública, o assunto volta a ocupar espaço nos debates entre parlamentares e rende inúmeros editoriais e matérias na imprensa.

Agora mesmo, está por ser apreciado pela Câmara Federal um projeto de lei que pretende atacar o problema, regulamentando aspectos que envolvem desde o financiamento das campanhas eleitorais até a propaganda dos candidatos, visando a combater os desvios do processo, através da redução dos custos de campanha para os candidatos. Assim,

pretende-se eliminar o problema do caixa 2 em suas origens. No entanto, muitos analistas sustentam que tais medidas são insuficientes, e que outros cuidados seriam necessários para resolver os problemas resultantes da concentração de poder do sistema presidencialista. Mais do que apresentar soluções casuísticas, a preocupação dos especia-

listas tem sido a de criar um sistema mais transparente, no qual a sociedade tenha ampliado seu poder de vigilância sobre as instituições políticas.

Para auxiliar na reflexão sobre o tema, o Jornal da Universidade convidou dois especialistas no assunto: o cientista político Fernando Schüller e o professor da Faculdade de Direito, Sérgio Borja.

Questões marginais

Fernando Schüller

Cientista político

É preciso reduzir a oferta de recursos para partidização do aparelho de Estado

Instituições modelam comportamentos. Há uma certa visão ingênua, no Brasil, segundo a qual o problema de nosso sistema político reside na necessidade de um maior *aprendizado democrático*. Nessa perspectiva, somos uma democracia jovem e tudo se resolverá com a realização de eleições após eleições, num processo de amadurecimento em mão dupla, de eleitos e eleitores. Dessa visão deriva-se uma certa depreciação da reforma política. Se o problema não está nas instituições, por que a urgência em reformá-las?

Discordo profundamente dessa idéia. Nosso modelo político-eleitoral gera um extraordinário custo político para o País. Há uma agenda de modernização institucional a ser perseguida. O ponto é que não considero que esta agenda esteja representada no projeto da reforma política ora em tramitação no Congresso Nacional. Prefiro concentrar minha análise em alguns aspectos que chamo *marginais* no debate público que se faz hoje no País sobre o tema.

A reforma política no Brasil deve buscar três objetivos: *despartidarizar* o Estado; responsabilizar os mandatos e eficientizar os mecanismos de representação. A despartidarização do Estado exigiria vincular a reforma política a uma reforma administrativa do aparelho do Estado. É inconcebível que um presidente da República nomeie 23 mil cargos de confiança, que deveriam ser ocupados por critérios de merecimento. É preciso reduzir esta *oferta* de recursos para cooptação e partidização do aparelho de Estado disponível ao sistema político. Este último tende a transformar em moeda de troca cada cargo ou função de que dispõe, de modo a assegurar lealdade política – e mesmo benesses materiais, como vemos agora – ao partido do governo.

Para fazer isto seria preciso avançar nos programas de privatização das empresas estatais e de publicização dos órgãos prestadores de serviços não exclusivos de Estado. Simultaneamente, deveria avançar-se em uma cultura de valorização das chamadas *carreiras de Estado*, como a de Especialistas em Políticas Públicas e Gestão Governamental, para o cumprimento de funções operativas na estrutura pública, reservando ao presidente da República a nomeação das funções re-

lativas ao chamado *núcleo estratégico* do Estado. A reforma administrativa foi desenhada, no Brasil, nos anos 90 e apenas muito parcialmente executada.

No nível do Congresso, é preciso rediscutir o instituto das emendas parlamentares individuais. No atual governo, 95% das emendas parlamentares foram liberadas para parlamentares dos partidos

da base aliada, e este procedimento não é novo no País. Sob o argumento da democratização da aplicação orçamentária, se criou um escandaloso mecanismo de cooptação política *no varejo* dentro do Congresso Nacional, mecanismo este responsável – não exclusivamente, é preciso dizer – pelas 150 trocas de partidos verificadas nesta legislatura no Congresso, em regra registradas dos partidos da oposição para a base aliada ao governo.

Nesta mesma linha de raciocínio, é preciso diminuir o tamanho do Congresso. A Câmara dos Deputados nos EUA tem 435 cadeiras, para uma população de 280 milhões de pessoas. Temos 513 Deputados, com 180 milhões de habitantes e um PIB 17 vezes menor. A que racionalidade atende isto, que não a da própria corporação política? O dilema da reforma política, quando pensamos nessas questões *marginais*, é que ela terá de ser feita pelo próprio sistema político, este mesmo que foi eleito, e que se beneficia, das regras hoje existentes. A reforma exigirá que se crie uma nova hegemonia política modernizadora no País, que quicá surja da reflexão em torno da crise vivida hoje pelo País.

Reforma ou Constituinte?

Sérgio Borja

Professor da Faculdade de Direito da UFRGS

Nunca, de forma tão sofisticada e imperceptível aos incautos, concentrou-se tanto poder

Antes da eclosão da atual crise política que expõe as escaras do sistema político e institucional frente à opinião pública, que assiste aturdida as CPIs do Mensalão, dos Bingos e dos Correios, já tramitava no Congresso Nacional, por iniciativa do governo, a chamada reforma política. O Projeto de Lei 2679/03, em linhas gerais, pretende regular a pesquisa eleitoral, o voto de legenda em listas partidárias pré-ordenadas, a propaganda eleitoral, o financiamento das campanhas e as coligações partidárias.

Ora, ninguém discorda que realmente é necessária uma profunda remodelação no sistema partidário. No entanto, certamente, ninguém discordará também que sob a égide da Constituição de 1988 nunca se fizeram tantas reformas que levaram a este beco institucional sem saída que hoje vivemos. O processo de reforma, que foi feito de forma inconstitucional, conforme confissão do atentado à Constituição, relatado pelo ex-presidente da Câmara dos Deputados Dr. Michel Temmer, em artigo publicado na Folha de S. Paulo em 2/11/1997, criou este mostrengo jurídico em que o político sobrelevou o jurídico.

Com a implantação do processo de reeleição que rompeu com um bloco de constitucionalidade de cem anos, quebrou-se da mesma forma a separação formal de poderes, porque o presidente do momento, FHC, ficou indicando pelo período de oito anos, ministros para

o Supremo Tribunal Federal, chave da cúpula constitucional.

Ocorreu assim, o processo de corrosão tão bem descrito por Michel Henry Fabre, decano da Faculdade de Direito de Aix en Provence, como o efeito dos vasos comunicantes entre as funções do poder. O Sistema de Ballottage, duplo turno francês, que veio para o

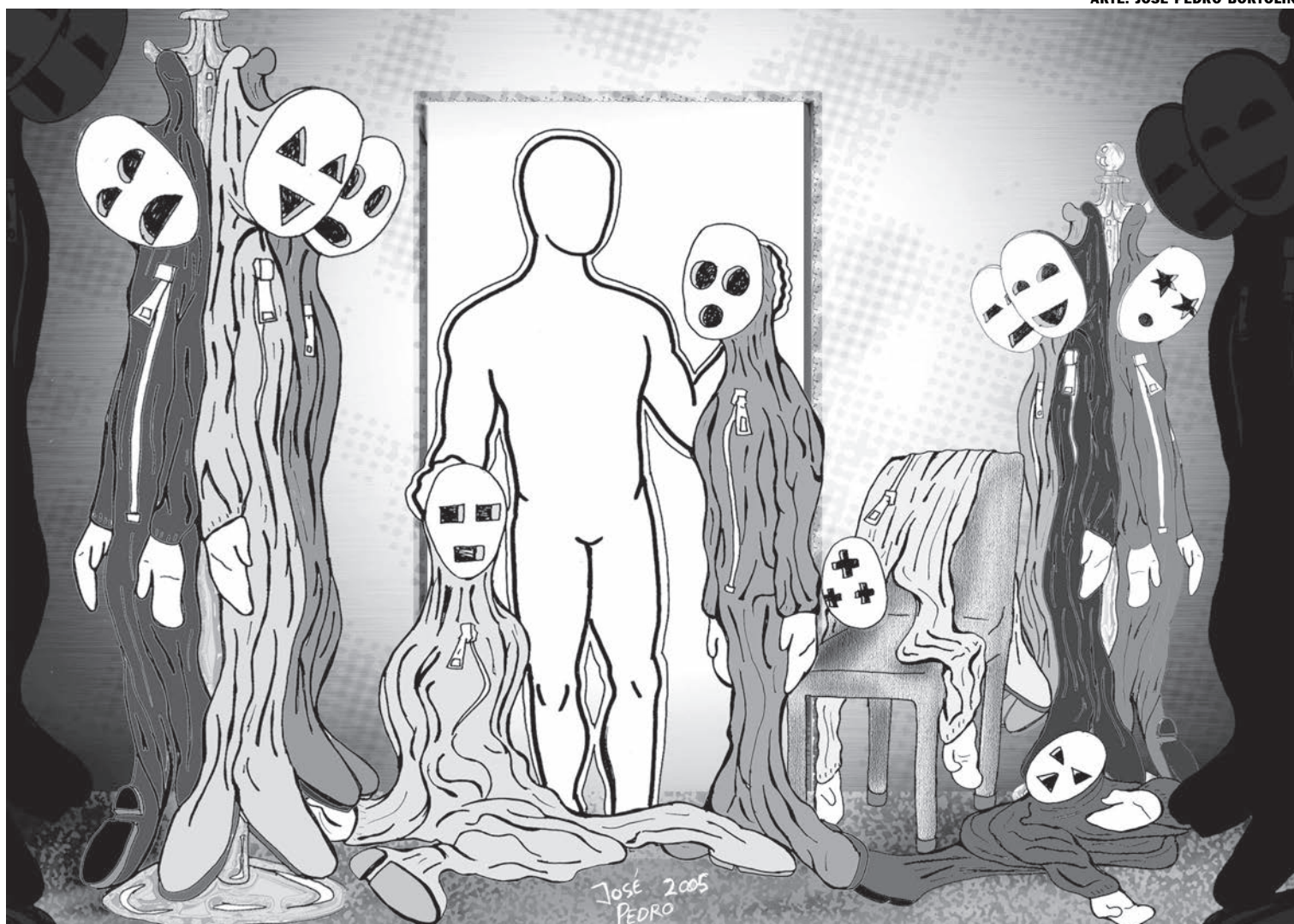
bem, criou, a sua vez, para o mal, uma distorção via processo de coligações, ocorrendo assim uma fusão do sistema partidário através da criação de uma maioria que se tornou, através da morte das ideologias e por força do fenômeno, em uma imensa geléia fisiológica dentro do Congresso Nacional, que, perfeitamente afinada com o Executivo, passou a indicar, de forma hegemônica, os juizes da Suprema Corte.

Mais grave ainda, a adulteração do processo legislativo, pois, se analogamente a sentença de um juiz peitado seria nula da mesma forma e em razão direta, todas as leis feitas por um Congresso peitado, também são atos írritos.

Sabemos agora, com o escândalo do mensalão, que este processo de corrosão não foi tão somente ocasionado por uma adulteração acadêmica nos *cheks and controls* (freios e contrapesos), mas pela compra literal dos votos da oposição, através de um processo de corrupção que atualmente se desvenda perante a nação estarecida. O regime, que se tem por democrático, é tão ou mais hediondo do que aquele, porque, de forma sofisticada e hipócrita, sem a percepção da cidadania,

cassa literalmente a representação política, através da distorção constitucional do art.45 § 1º que, analogamente cotejado com a antiga política do café com leite, hoje, através desta distorção odiosa, estabelece a política hegemônica do vatapá com jerimum, transferindo para o Norte e o Nordeste o poder político da Federação. Nunca jamais, de forma tão sofisticada e imperceptível aos incautos, concentrou-se tanto poder configurando uma verdadeira ditadura civil.

A única forma de renovação é aquela preconizada pelo saudoso juspublicista Leônidas Xausa: uma Constituinte exclusiva não-congressual, com candidatos avulsos, longe das oligarquias e corrupção encapsuladas na conformação dos atuais partidos políticos.



ARTE: JOSÉ PEDRO BORTOLINI

Moradia estudantil estimula solidariedade

Comportamento *Distância da família faz com que os estudantes se unam, criando convivência caseira*

Sonia Torres *

Casas de Estudantes são um bom lugar para testar a capacidade de viver em comunidade. Respeito, amizade e solidariedade são a marca registrada do local. Na Casa do Estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ceufgrs) as rotinas de manutenção são administradas pelos próprios estudantes, que dividem as tarefas.

Localizada na Rua São Manoel, 573, bairro Santa Cecília, a Ceufgrs é um órgão da Universidade, com autonomia administrativa, embora dependa financeiramente da UFRGS.

De acordo com Felipe Krieger Leal, 25 anos, estudante de Engenharia Civil e atual presidente da Casa, todo início de semestre ocorrem eleições em assembleias ordinárias, que servem também para a apresentação de moradores novos. Como são os alunos que administram a Casa, Felipe diz que encontra um pouco de dificuldade por estar longe da Secretaria de Assuntos Estudantis (SAE) à qual a Casa está vinculada.

Consertar chuveiros, fornecer material de limpeza, trocar lâmpadas, ou móveis estragados são atribuições da SAE, mediante comunicação dos administradores. “De maneira geral, a conservação do prédio e a limpeza são feitas por funcionários da UFRGS. Algumas coisas os moradores compraram com dinheiro arrecadado entre eles, colaborando com R\$ 3,00. Foi assim que conseguiram adquirir televisão, vídeo, máquina de lavar roupa, geladeira, rodos, vassouras e panos de limpeza. A idéia agora é comprar uma lavadora nova, pois a atual tem apresentado problemas.

Comunidade – As questões de convívio estão reguladas por um estatuto que estabelece, por exemplo, o horário de silêncio a partir das 23h. Segundo o presidente da Ceufgrs, mesmo assim, às vezes acontecem desentendimentos entre os moradores. “Esses conflitos raramente chegam até a direção”, diz ele. A casa oferece 42 vagas, mas atualmente moram 41 estudantes (20 gurus e 21 gurias), que ocupam 21 quartos. A principal vantagem de serem independentes administrativamente é que a seleção é separada da realizada pela SAE. Ela ocorre preferencialmente em um sábado pela manhã, quando as pessoas interessadas são recebidas para entrevista e análise sócio-econômica, realizadas pelo Departamento de Seleção.



O tamanho pequeno da Casa favorece a integração de todos

De acordo com Felipe Krieger Leal, o tamanho pequeno da casa faz com que todos se conheçam. Isto é bom para aqueles que são naturalmente isolados, que terminam integrando-se ao grupo para conversar, abrindo-se mais e fazendo amigos. A rotatividade dos moradores é grande, mas é possível manter os relacionamentos. “Geralmente são pessoas que já são amigas, com as quais a gente fez um contato legal, mas entram novos e tudo recomeça”,

“Tudo é decidido coletivamente. Enquanto um compra, outro cozinha”

afirma o presidente da Casa. Na Ceufgrs as pessoas se ajudam bastante, em razão da divisão dos quartos que comportam dois estudantes, facilitando as conversas e os desabafos. De acordo com o presidente, as amizades consolidam-se e perduram, sendo muito comum que os ex-moradores voltem para visitar.

Como irmãos – Carolina, 21 anos, estudante de Medicina e originária

do município de Montenegro, conta que mora na Ceufgrs há nove meses. Para ela, o relacionamento entre os vizinhos da Casa é de irmãos. Além disso, “cada um se policia para obedecer as regras, fazendo a sua parte. Em geral funciona muito bem”, diz Carolina. A estudante revela que a maioria dos moradores passa o aniversário longe da família. Por essa razão, acostumaram-se a fazer festas ou deixar uma surpresa no quarto, para que o aniversariante não se sintira só. Carolina conta que morava com os pais, mas a experiência na casa de estudante está sendo importante pelo aprendizado em relação à convivência e às responsabilidades. “Não esqueço que estou por mim, mas ao mesmo tempo sei que existem pessoas por perto que podem ajudar.”

A gurizada não dispensa os almoços coletivos nos finais de semana. Clarissa Oliveira Martins, 23 anos, estudante de Farmácia, natural de Rio Grande, mora há um ano na Ceufgrs e diz que adora seu lar provisório. “Nunca se está sozinho, sempre tem alguém na casa”, diz.

Aramis, aluno de Engenharia Elétrica, veio de Caxias do Sul e está morando na casa da São Manoel há um ano. Também para ele o tamanho da casa influenciou nos relacionamentos. “Aqui, todos se conhecem, porque a casa é pequena. Sempre tem problemas de quebra de regras como sujeira e separação do lixo. Mas são coisas contornáveis que discutimos em assembleia”, explica. O trabalho doméstico é dividido entre os moradores, mas, conforme Aramis, há pessoas sem disposição para isso. “Tem gente que não gosta de limpar quando fazemos almoços, fogem da tarefa e chegam a pagar para outros fazerem. Eu mesmo já recebi um real para lavar a louça”, conta.

Homem não entrava

Nos primeiros anos da década de 1950, existiam a Casa do Estudante do Rio Grande do Sul, exclusiva para estudantes do sexo masculino, e a residência das estudantes da Escola de Enfermagem.

Alunas de outros cursos, vindas do interior, não tinham direito a esse tipo de moradia, o que dificultava o acesso de muitas jovens estudantes que desejavam obter um diploma de nível superior. Foi então que algumas estudantes resolveram mobilizar-se para sanar a dificuldade de quem vinha do interior e não dispunha de condições financeiras para a manutenção de despesas durante o período do curso em Porto Alegre.

Em 1º de agosto de 1956, as estudantes Maria Rosalina Fim e Gladys Campos – ambas estudantes de Odontologia – Dulci Caputo e Eloá Dias – estudantes de Medicina – e Nina Rosa Wildner, estudante de Filosofia, fundaram a Casa da Estudante Universitária do Rio Grande do Sul, que assumiu a sigla Ceufgrs, destinada a receber apenas estudantes do sexo feminino.

Desde aquela época a casa, situada à Rua Riachuelo, em um imóvel alugado, já era administrada por alunos e, na primeira assembleia, Maria Rosalina Fim foi eleita presidente. O regimento interno era rígido e a presença masculina, impedida dentro do prédio. As dificuldades para o pagamento do aluguel e os conseqüentes atrasos provocaram uma ação de despejo em 1965.

Em fins de dezembro de 1966, as moças se mudaram para uma casa maior, alugada

na avenida Getúlio Vargas, bairro Menino Deus.

Em 1977, houve nova mudança para uma casa cedida pela administração da Universidade, na Rua São Manoel, antiga moradia das estudantes da Escola de Enfermagem. Em agosto do mesmo ano foi inaugurada a nova e definitiva sede, com capacidade para 42 moradoras. A então denominada Casa da Estudante Universitária do Rio Grande do Sul torna-se um órgão da UFRGS, passando a chamar-se Casa da Estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ceufgrs).

Além da manutenção do prédio, a instituição passou a destinar uma verba mensal para a alimentação e outras necessidades.

Com as transformações das décadas de 1960 e 1970, muitos moradores das Casas de Estudantes começaram a questionar-se sobre por que homens e mulheres não poderiam morar em um mesmo prédio.

Outro questionamento se referia à distribuição das vagas em moradia estudantil entre mulheres e homens, já que à época existiam 500 vagas para estudantes do sexo masculino e 40 para estudantes do sexo feminino, não correspondendo à proporção entre homens e mulheres nos cursos da Universidade.

Após muitas discussões em assembleias e com o apoio da UNE e das outras Casas de Estudantes, em 16 de março de 1988, a Ceufgrs tornou-se mista, passando a intitular-se Casa do Estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



* Colaborou Fabiane Lima

Farmácia: 110 anos, com DVD, mostra e festa

Saúde Faculdade quer expandir a interação com a sociedade, oferecendo novos serviços e cursos

Ademar Vargas de Freitas

A Faculdade de Farmácia, que deu origem à UFRGS, completa 110 anos no dia 29 de setembro. E o diretor Paulo Mayorga, 37 anos, espera fazer uma comemoração festiva, com ênfase na valorização dos recursos humanos. “Herdamos um patrimônio cultural, tecnológico, científico e intelectual, e cada um de nós, independente da função, faz parte dessa história, que tem de ser valorizada para que as pessoas se sintam participantes da gestão e da construção do futuro.”

O planos são: 1) lançar um DVD institucional para divulgar as diferentes áreas de trabalho e os diferentes projetos da Farmácia; 2) promover em parceria com o Museu da UFRGS, uma exposição itinerante (Gasômetro, Mercado Público, Brique da Redenção) sobre o papel do farmacêutico e da Faculdade no sistema de saúde; e 3) realizar, no final do mês, uma grande festa para integrar a comunidade da Faculdade.

E o que é que a Farmácia tem para mostrar? Mayorga coloca a Incubadora Tecnológica, gerenciada pela servidora Maribete Homrich Holzschuh, e o Teste do Pezinho, coordenado pela servidora Ana Stela Goldbeck, entre os grandes projetos que a Faculdade está

desenvolvendo. Ele cita outros laboratórios com atividade intensa, como o de Controle de Qualidade, o de Produção de Padrões Secundários, o Centro de Desenvolvimento Tecnológico Farmacêutico, o de Análises Clínicas, o de Toxicologia e o de Bioequivalência.

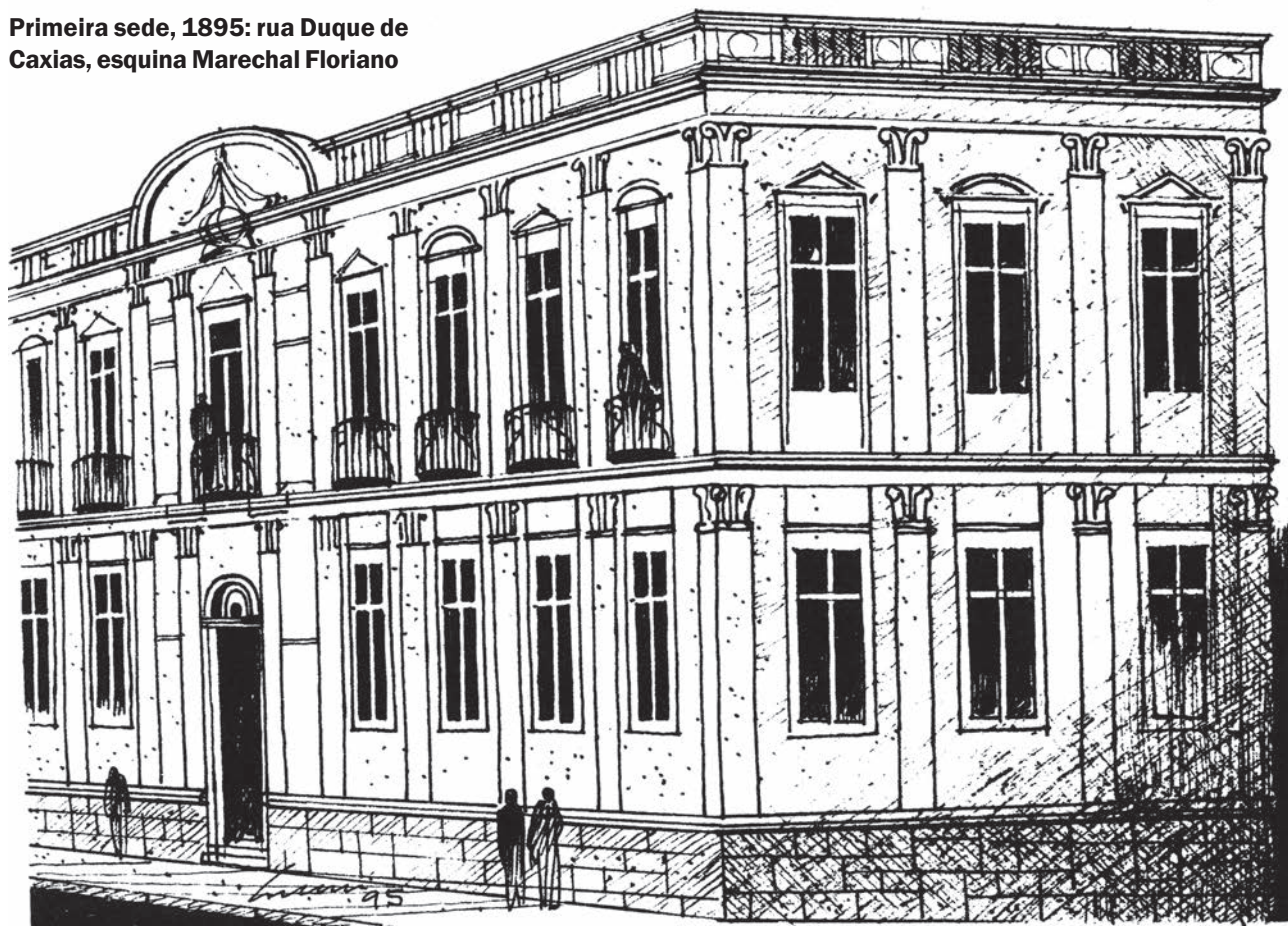
Mayorga destaca a criação, em 2002, do primeiro mestrado profissionalizante em Ciências Farmacêuticas do Brasil, em que o candidato propõe um pré-projeto a ser realizado que o ajude a resolver algum problema do seu ambiente profissional. Nas duas primeiras turmas foram contemplados trabalhos na área da

assistência farmacêutica, desenvolvidos por profissionais atuantes no Sistema Único de Saúde, e na área da tecnologia farmacêutica e controle de qualidade, cujo público-alvo foram os profissionais com atuação na vigilância sanitária na indústria farmacêutica.

O relacionamento da Faculdade com as empresas farmacêuticas coloca a Farmácia em destaque também na parte tecnológica. “As empresas estão identificando nossas potencialidades, como na área de Análises Toxicológicas, que tem recebido solicitações para analisar resíduos de pesticidas em águas de irrigação de lavouras. No campo do medicamento, temos aumentado parcerias, tanto com empresas privadas como com laboratórios oficiais, interessados no desenvolvimento de novos produtos ou de metodologias de análise utilizadas no controle de qualidade de medicamentos.”

Também estão sendo estimulados projetos relacionados às células tronco. “A professora Patricia Pranke vem desenvolvendo articulação para integrar a Faculdade de num banco de cordões umbilicais, estratégico para a pesquisa na área. Temos a expectativa de que a Faculdade de Farmácia participe da implantação de uma estrutura que venha a ser criada nesse sentido.”

Primeira sede, 1895: rua Duque de Caxias, esquina Marechal Floriano



À esquerda, segunda sede, 1900, na antiga Rua da Alegria, número 55, atual General Vitorino; à direita, terceira sede, 1904, prédio ainda existente na então Rua da Cadeia ou Travessa 2 de Fevereiro, hoje avenida Salgado Filho

“Cada um de nós, independente da função, faz parte desta história”



Paulo Mayorga

A Farmácia é um mundo

A professora Elfrides Schapoval, farmacêutica química com doutorado em Farmacologia, acompanha a história da Faculdade de Farmácia desde 1952, quando entrou como estudante. Passou a lecionar em 1957, quando a Farmácia ainda funcionava no prédio da antiga Faculdade de Medicina, prédio que espera ver recuperado.

Em 1970, a professora participou do processo de criação do Programa de Pós-graduação, o primeiro do Brasil em Ciências Farmacêuticas, que vem sendo valorizado com os melhores conceitos. “Temos quase 250 pós-graduandos, eu mesma já formei

mais de 50.” Era a época da Reforma Universitária, e Elfrides foi a primeira chefe do Departamento de Produção e Controle de Medicamentos, quando implantou a disciplina de Ensaaios Biológicos. Depois, representou os pesquisadores na antiga Quinta Câmara e, de 1996 a 2000, foi diretora da Faculdade. Seu lema: “Insista, persista, não desista”.

O Laboratório de Controle de Qualidade – onde Elfrides trabalha como professora convidada desde que se aposentou – tem uma parte química e outra biológica, com cobaia (ratos), camundongos, coelhos, porquinhos-

da-índia). “Não chega a ser um biotério, é tipo um hotelzinho de animais, que a gente traz do Biotério Central da Universidade.”

Ela acha que a Farmácia é um mundo. “Tem muita química, muita biologia, muito estudo de medicamentos, fármacos sintéticos, drogas vegetais. E se lida com parasitologia, microbiologia, química orgânica, química inorgânica, farmacodinâmica. Além disso, é polivalente e multidisciplinar: embora predominem as disciplinas profissionalizantes, os alunos têm disciplinas também no Instituto de Química e no Instituto de Biociências.”

Nova visão do farmacêutico

O vice-diretor da Farmácia, professor José Ângelo Zuanazzi, ressalta o caráter filosófico com que a então Escola de Farmácia foi criada, em 29 de setembro de 1895, por um grupo de profissionais liberais preocupados com a profissão. “Nos anos subsequentes, foram incorporadas uma escola de partos e uma escola de odontologia. Ficou um misto de faculdades da área da saúde, e a idéia prosperou em outras áreas, dando origem à criação de cursos como Direito e Engenharia Civil.”

Ele diz que a Faculdade está tentando oferecer uma nova visão

do farmacêutico, que não deve ser apenas um dispensador de medicamentos nas farmácias. “As farmácias e drogarias devem ser incluídas na política de saúde pública, transformando-se em centros de informações, como na Europa, nos EUA, no Chile.”

Mas, o farmacêutico não atua apenas em farmácia. Ele trabalha onde é necessário, em laboratórios de análises clínicas, em indústrias de alimentos, no controle de águas. “Se existe uma demanda da sociedade, o curso mais afim deve dar sua resposta”, diz Zuanazzi.

Zuanazzi afirma que processo de formação de um pesquisador é lon-

go e o processo de pesquisa é extremamente sensível. Ele considera que o fato de, até hoje, o Brasil não ter conseguido colocar nenhum medicamento no mercado mundial, tem a ver com a estabilidade política.

“Toda a vez que se interrompe o processo democrático, os trabalhos científicos ficam prejudicados, ou são interrompidos. Os pesquisadores não podem ser proibidos de pensar. Sem pensamento, não existe ciência. Se, durante o Século XX, o perfil democrático do país não tivesse sido interrompido tantas vezes, imagina em que estágio estaríamos!”

Quarta sede, 1924, situada na confluência das ruas Sarmento Leite e Luiz Englert



Professores examinam situação política

Balanço da crise *As frustrações e as esperanças se misturam na análise da realidade brasileira*

Buscando facilitar a compreensão dos vários aspectos da crise política que o Brasil vivencia desde as primeiras denúncias de corrupção no atual governo, o Jornal da Universidade promoveu, no dia 22 de agosto, uma entrevista seguida de debate entre os professores Antonio David Cattani e Céli Regina Pinto, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas; Fernando Ferrari Filho, da Faculdade de Ciências Econômicas; e Eduardo Carrion, aposentado da Faculdade de Direito. Nesta página, as considerações iniciais sobre a crise; na página central, comentários e respostas às perguntas formuladas pela equipe do jornal.

Antonio David Cattani – Esta crise é o resultado de um processo espúrio de financiamento de campanha, contrário a princípios elementares de decência e moralidade. Membros do governo mostraram absoluta ingenuidade ao buscarem verbas para as campanhas e incompetência na administração. Mas tudo está sendo mostrado como se tivesse acontecido pela primeira vez na história eleitoral brasileira. Em eleições anteriores houve casos muito mais escabrosos. Agora, a intermediação é das agências de publicidade, responsáveis pelo *marketing* político. Antes, eram as empreiteiras de obras públicas, e o volume de recursos era infinitamente maior.

Outro ponto que eu gostaria de destacar é a desqualificação do Congresso. Ironicamente, o José Simão, humorista da *Folha de S. Paulo*, tem se revelado um bom analista político. Segundo ele, CPI quer dizer *Comissão das Perguntas Imbecis*. Quem tem a paciência de assistir pela televisão ao questionamento dos deputados e senadores, se impressiona com o despreparo dos nossos representantes no Parlamento. Além disso, está ocorrendo o que já se pode chamar de *neolacerdismo* por parte de parlamentares do PSDB e de seu coadjuvante menor, o PFL. Exagerando nos adjetivos, isso corresponde a uma espécie de terrorismo político: de um detalhe insignificante é feito um escândalo.

Alguns jornais, em especial, a já citada *Folha de S. Paulo*, estragam o dia de qualquer analista que tente acompanhar equilibradamente o desenrolar dos acontecimentos. O “quarto poder” revela sem pudor seus posicionamentos, destacando fatos irrelevantes, promovendo, indiretamente, alguns candidatos, como o neto de ACM. Com medo de atacar a liberdade de imprensa, ninguém se atreve a dizer o que está acontecendo. Mesmo analistas políticos e cronistas de jornais que sempre foram ponderados, como o Clóvis Rossi, dizem barbaridades, com comportamentos extremamente tendenciosos.

Céli Regina Pinto – A crise não está existindo agora porque há uma grande corrupção no governo. Isto, infelizmente, vem acompanhando a história política brasileira desde há muito. A pergunta que se faz é: por que esta crise, neste momento? Por que ela se torna uma crise tão



Ferrari (à esq.): “De certa maneira, a crise abortou um projeto alternativo ao neoliberalismo para a América Latina”.

particular, se tem as características de processos que se sabe que acontecem no Brasil e que parecem ser até meio aceitos pelas elites brasileiras?

A primeira novidade é que, com a ascensão do PT ao governo, temos uma mudança real de elite no poder. Isto leva a várias questões definidoras: temos uma nova elite que não sabe se relacionar com a velha elite e vice-versa, e elas não se respeitam. O PT não soube organizar um governo de coalizão, porque não sabia como se relacionar com a velha elite. Depois, está internamente cindido. Mas, o ponto inicial dessa crise foi a eleição para a presidência da Câmara Federal. Não conheço, no mundo, um partido de governo que dispute a eleição da presidência do legislativo com dois candidatos. A partir daí, criou-se uma crise que possibilitou o aparecimento do chamado “baixo clero” na Câmara, que vive à base da troca de favores. E é nesse cenário que a crise atual se inaugura.

O mais surpreendente é que todos os observadores, mesmo os mais anti-petistas, não esperavam que o PT tivesse esses problemas, uma vez que o partido sempre disse que era diferente. Todos os observadores acreditaram nisso. E quando se vê que o PT usa das mesmas artimanhas e instrumentos, e usa de uma forma muito caricata, isso torna a crise mais pesada. Mas ela não vai se aprofundar, porque não há o interesse de ninguém. Até esse momento, a sociedade civil, em sua maioria, não se manifestou nem contra, nem a favor. Trata-se de uma crise que, ao mesmo tempo em que é mi-

diática, também é centralizada, tendendo a terminar em um pacto de moralidade na política.

Fernando Ferrari Filho – A principal desilusão de petistas ou não petistas é com a condução da política econômica, uma extensão ampliada do ortodoxismo da política de FHC. E passa também pelo pouco avanço na questão social e pelas denúncias de corrupção no governo petista. A atual crise mostra que o Projeto de Desenvolvimento de Nação, apresentado pelo PT ao longo de

“Lula podia saber ou não, mas a responsabilidade dele, como presidente, é imensa”

Céli Regina Pinto



sua história, foi, na prática, jogado por água abaixo. Sobre a questão da corrupção, eu diria que, por um lado, ela é endêmica e, por outro, decorre da base parlamentar espúria que o PT articulou no Congresso.

Creio que essa crise não vai avançar muito. Primeiro, por ter como alternativa um Severino Cavalcanti para o mandato tampão, caso ocorra um processo de impedimento de Lula e José Alencar. Mas o fundamental é que não interessa às elites alterar substancialmente a condição da política econômica. Qualquer crise de maior profundidade pode levar ao abandono dos chamados fundamentos fiscais e externos, e automaticamente pôr em risco aqueles segmentos que se locupletaram ao longo do segundo mandato de FHC e continuam se locupletando: o grande capital industrial e, predominantemente, o capital financeiro.

Mas, mesmo que a crise não tenha maior repercussão na sociedade, vai refletir-se na economia. E sua consequência será o questionamento dos “fundamentos” da economia, que não são tão sólidos assim. Os fundamentos de uma economia não estão relacionados tão-somente ao ajuste fiscal ou ao superávit da balança de pagamentos, à redução do risco-país ou à elevação dos preços dos títulos da dívida externa no mercado internacional. O fundamento real de uma economia se observa quando existe estabilidade monetária, capacidade de crescimento endógeno e crescimento com inclusão social.

Eduardo Carrion – A degenerescência moral e ética do partido he-

gemônico e do governo é, em grande parte, consequência de sua degenerescência política. A começar pelas opções macroeconômicas, a continuar pela própria natureza e qualidade das políticas sociais. Sem falar na política de alianças, no reforço dos aspectos mais tradicionais da nossa vida política, como o clientelismo, o fisiologismo e o nepotismo.

Se resgatássemos as origens da realidade atual, poderíamos ver alguns sinais no início dos anos 90. Mas, antes de tudo, o desafio do exercício do poder. A degenerescência que foi própria das sociais-democracias européias, por exemplo. No entanto, um processo que na Europa talvez tenha levado 50 anos ou mais, no Brasil acelerou-se, pois em questão de uma década observamos claramente a transformação do PT.

Podemos identificar as origens disso na burocratização do partido, na profissionalização em detrimento da militância, na ênfase na conquista e no exercício do poder. E também na ênfase no *marketing* político, que despolitizou em grande parte a disputa política. Isso é dramático para um partido que pretende ser renovador e questionador do *status quo*.

É uma crise de dimensão aguda, mas não parece que vá se transformar em crise institucional, mesmo na hipótese extrema de impedimento de Lula, na medida em que forem respeitados os procedimentos constitucionais e legais previstos. Acho que a esquerda sai, politicamente e ideologicamente, derrotada. Haverá, provavelmente, duas décadas ou mais de hegemonia liberal conservadora.

Hoje, o que temos de saber é se esse governo e esse partido vão conseguir se liberar do estigma da corrupção e da incompetência. Em grande parte, é esta imagem, de uma esquerda corrupta e incompetente quando assume o poder, que vai ficar para a opinião pública, o que me parece uma derrota política e ideológica. **continua**

A democracia sairá ganhando com a c

Ferrari garante que o governo Lula, reeleito ou não, continuará sendo neoliberal, até mais do que é hoje em dia; Carrion afirma que a crise acabou com um projeto alternativo ao neoliberalismo para a América Latina; Céli acha que a oposição não quebra o governo porque não há interesse em quebrá-lo; e Cattani diz que os movimentos populares, à exceção do MST, foram destruídos por uma década de política neoliberal, embora remanescentes dos movimentos de contestação, como os estudantes, estejam demonstrando admirável bom senso. Num ponto, todos estão de acordo: quem vai ganhar com a crise é a democracia.

JU – Professor Cattani, como analisa a reação popular atual comparada àquela da época de Collor?

Cattani – Antes de responder, preciso dizer que acho que o Carrion exagera, porque se alinha a um tipo de crítica absolutamente despropositada. Até parece que, com o resto dos partidos, não houve nada. O que não houve foi investigação. E esse rigor, essa severidade levam a um necrológico: o Partido dos Trabalhadores ainda está vivo e já o estão enterrando.

Fico chocado com a desproporção do rigor de certas análises, inclusive por parte de membros do Congresso, que aparecem como vestais impolutas e que, na verdade, são delinquentes, sonegadores, corruptos, alguns com processos monstruosos nas costas. O grande desafio para a esquerda é não jogar na lata de lixo todas as experiências positivas, tentando salvar conquistas extraordinárias ao fazer a triagem, a expulsão ou a condenação dos responsáveis.

Respondendo à pergunta, penso que a reação popular pode ser entendida em dois níveis. Primeiro, os movimentos populares, à exceção do MST, foram destruídos por uma década de política neoliberal, os sindicatos estão debilitados e fragmentados, e as organizações da sociedade civil, enfraquecidas... Mesmo assim, remanescentes dos movimentos de contestação, como estudantes e algumas entidades, demonstram admirável bom senso.

Houve alguma coisa seriíssima, mas nem por isso vamos imediatamente cassar o presidente, ou dinamitar o Congresso. Acho que está havendo prudência, e as sugestões de modificação da Constituição partem de lideranças políticas conservadoras e de alguns empresários extremamente oportunistas. Por outro lado, isso também favorece a estratégia da direita, e aí concordo com o que meus colegas afirmaram, que há um sangramento da alternativa de esquerda. Não se deseja uma crise violenta: para os conservadores, o melhor é desgastar o PT e impedir qualquer possibilidade de reeleição do atual governo.

JU – Como a professora Céli vê a proposta que prevê a reformulação das formas de financiamento das campanhas?

Céli – Antes de falar disto, farei algumas observações sobre o que foi dito aqui. Primeiro, discordo do que o professor Carrion disse, que a esquerda quando sobe

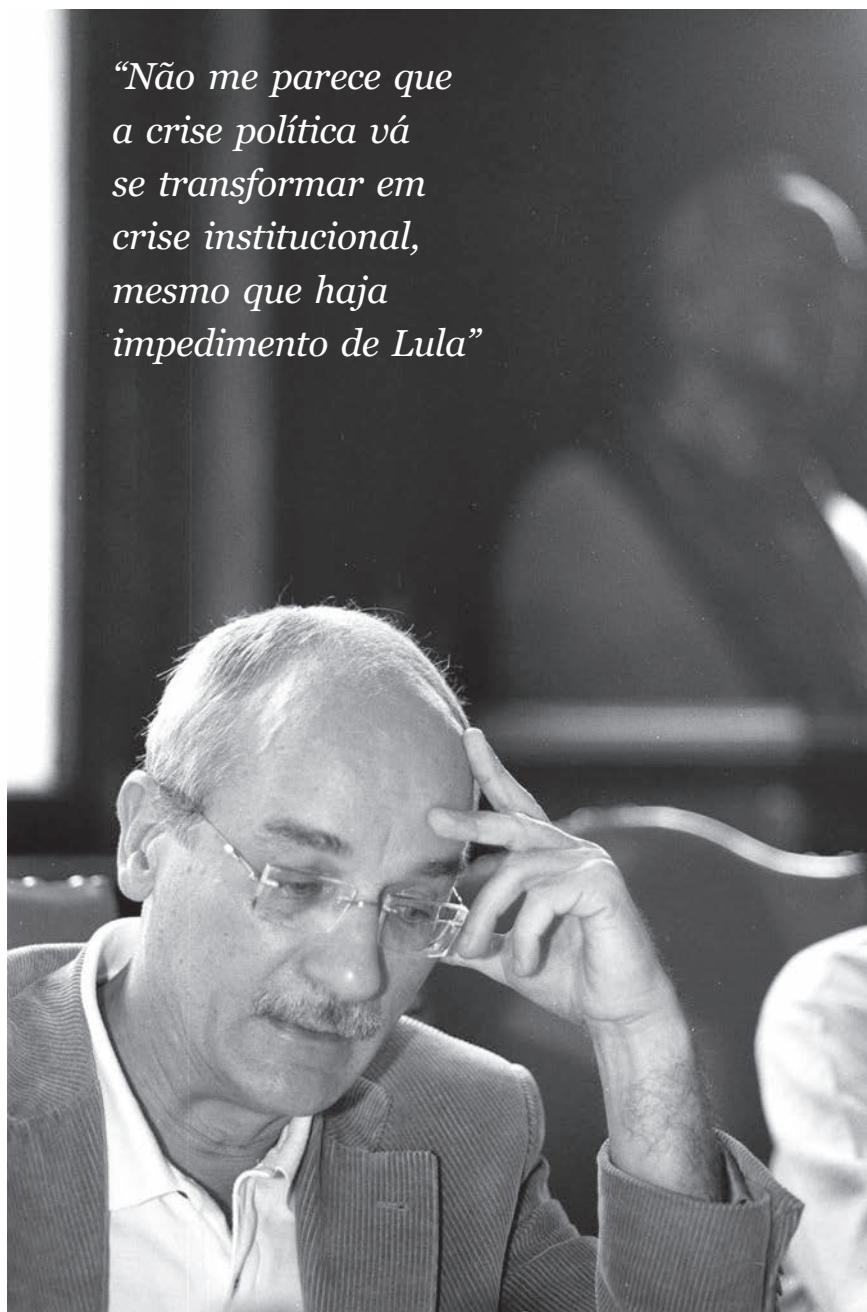
ao poder se mostra corrupta e incompetente. Acho que não. A experiência do PT nas prefeituras em que atuou foi importantíssima. Concorde que o partido chegou de forma muito crítica ao governo, mas penso que é muito perigoso dizer que a esquerda quando sobe ao poder é corrupta e incompetente.

Carrion – Se a colega me permite um aparte, eu não disse isso. Afirmei, sim, que é a imagem que vai passar para a opinião pública. E aí entra o discurso da direita, de que a esquerda é inevitavelmente corrupta e incompetente. Infelizmente, este será o saldo que vamos ter do governo Lula e da irresponsabilidade política e ideológica do PT. Eu acho que é possível uma esquerda que seja competente e honesta. Porém, hoje, com este governo, existe uma corrupção sistêmica e avassaladora. A defesa mais consistente do governo e do PT tem sido no sentido da banalização da corrupção, isto é, “os outros também faziam”, essa perspectiva faz com que a opinião pública não creia em alternativas possíveis.

Céli – De qualquer forma, acho que é muito complicado, pensando na própria dinâmica da política, dizer que podemos ter nos próximos 20 anos um conservadorismo liberal no poder como consequência desta crise. Acho que pode, mas também afirmo, com a mesma tranquilidade, que não pode. Quero fazer uma avaliação da questão do *impeachment* da reação popular. Eu não acredito que exista uma racionalidade no PSDB, que é o possível beneficiário, caso o PT venha a perder. Tendo a concordar que a oposição não quebra o governo pelas razões que o Ferrari levantou: porque não há interesse em quebrá-lo.

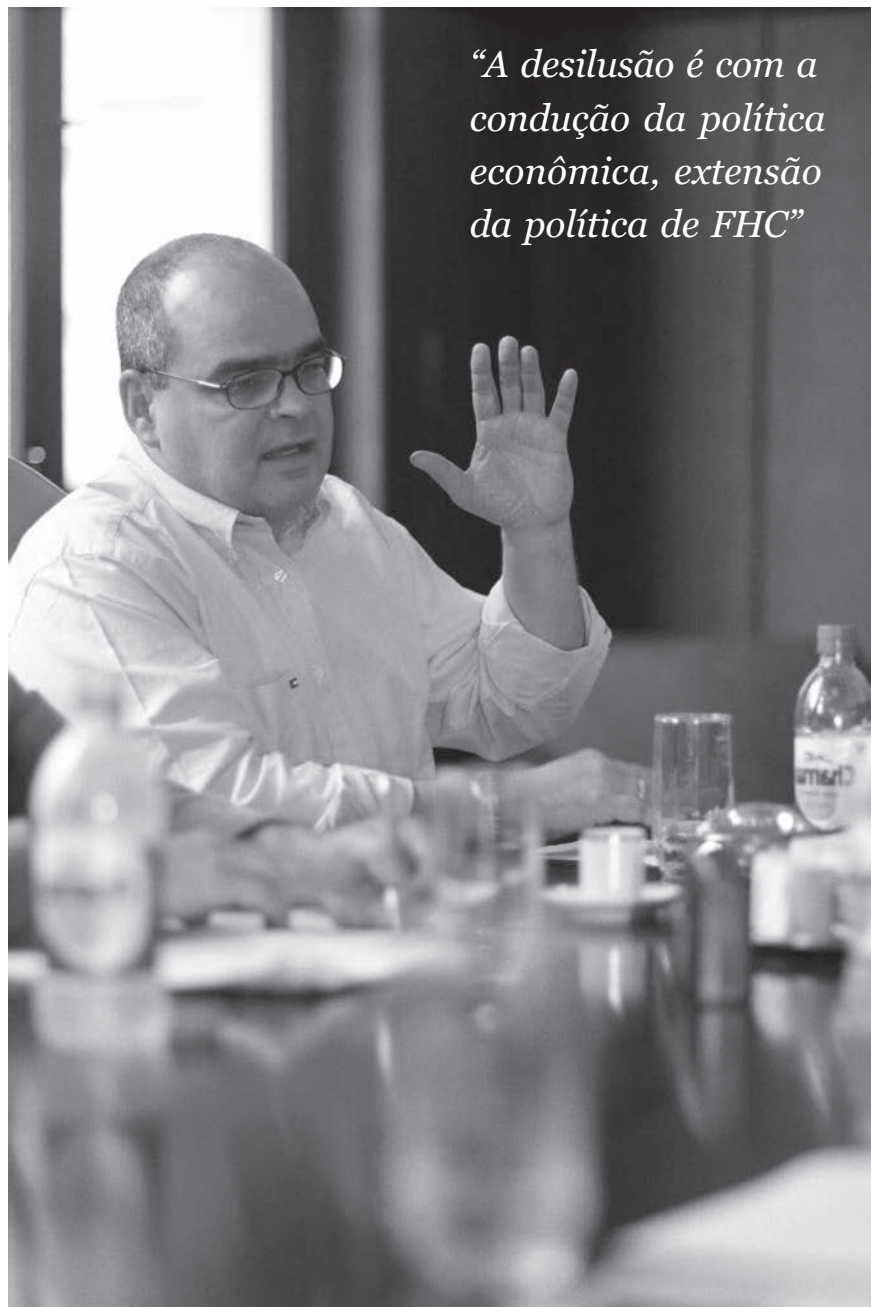
Mas, respondendo à questão das campanhas políticas no Brasil, posso dizer que há um sistema muito simples: há um fundo,

“Não me parece que a crise política vá se transformar em crise institucional, mesmo que haja impedimento de Lula”



A solução dos atuais problemas não está na adoção de medidas salvacionistas, como uma reforma política ou constituinte, mas numa total mudança nos costumes políticos do País

“A desilusão é com a condução da política econômica, extensão da política de FHC”



que é público, e existe o financiamento das empresas privadas, que podem doar um percentual do seu lucro, desde que declarem os valores. Como fazer para isto ficar melhor? Tenho muita dificuldade em aceitar fórmulas mágicas institucionais. Por exemplo, como combatemos o caixa 2? É eliminando o caixa 1, mantendo apenas o financiamento público? Porque, quando só existe o financiamento público, não estamos acabando com o caixa 2, estamos extinguindo o caixa 1. Por muito tempo, fui simpática à ideia do financiamento público das campanhas, mas agora a sensação que tenho é de que ele acaba na verdade com o caixa 1. Como o caixa 2 é ilegal, é uma contravenção, como acabar com ele?

JU – Professor Ferrari, o senhor acredita que essa crise pode vir a desestabilizar a economia do país?

Ferrari – Assim como o Cattani e a Céli fizeram comentários sobre a fala do Carrion, eu também gostaria de fazer algumas considerações, que vão ao encontro das questões postas por ele. Concorde que, de certa maneira, a crise abortou um projeto alternativo ao neoliberalismo para a América Latina: o projeto do PT previa uma transformação econômica e social no sentido de assegurarmos crescimento, estabilidade e inclusão social.

Concorde também que o governo Lula, reeleito ou não, é e continuará sendo muito mais neoliberal do que é hoje em dia. Acho que a população se dará conta de que o projeto petista não conseguiu apresentar resultados efetivos para as questões do crescimento e da distribuição. Pior de tudo é que a população perceberá que o PT acabou se envolvendo com questões que, até então, eram caras para os petistas, como o princípio ético na política.

O Cattani afirmou que este governo teve conquistas extraordinárias. Eu não consigo vê-las,

nem no campo social, nem na questão econômica. Outro ponto importante: quando o PT pensou efetivamente em vencer as eleições de 2002 – apresentando a “Carta ao Povo Brasileiro” e ampliando o leque de alianças, com a inserção de partidos como o PP e o PTB – houve um presságio de que não se poderiam esperar mudanças substanciais nas áreas econômica e social.

Quanto à questão da estabilização da economia, há muito, tenho dito que a política econômica – alicerçada no tripé metas inflacionárias, cujo objetivo da política monetária é tão-somente controlar a dinâmica de preços; expressivo superávit fiscal, objetivando gerar um equilíbrio do setor público a qualquer custo; e flexibilidade cambial e livre mobilidade de capitais – somente colhe frutos se não houver nenhuma natureza de choque desfavorável.

Tal política econômica, implementada desde a segunda gestão de FHC, só consegue resultados positivos se houver choques favoráveis, por exemplo, de liquidez internacional. Desde 2003, temos tido muita sorte, porque a economia brasileira absorveu choques internacionais favoráveis: os Estados Unidos voltaram a crescer, a China continua crescendo significativamente e a Argentina, que é um dos nossos principais parceiros comerciais, cresce pelo terceiro ano consecutivo... Por isso, tivemos êxito no que diz respeito à melhora das contas externas e na absorção do ingresso de capital.

Agora, volto a insistir: nenhuma economia tem fundamentos sólidos quando, para se beneficiar com os choques de liquidez internacional, precisa manter uma taxa real de juros (Selic descontada a inflação) de 14,2% ao ano. Isso não tem lógica.

Não tenho a menor dúvida de que, cedo ou tarde, havendo ou não o comprometimento de Palocci e Lula com todo este esquema de corrupção, a nossa economia será abalada, porque não existem fundamentos sólidos. É preciso entender que capital não tem ideologia, ele quer crescimento, lucratividade, resultado.

JU – Até que ponto esta crise toda ameaça as instituições brasileiras, professor Carrion?

Carrion – O processo político é imprevisível, mas, com os dados que temos no momento, percebo uma profunda crise política e não vejo ameaça institucional. Uma crise institucional significaria uma ruptura com esses parâmetros, e isso não está no horizonte próximo, mesmo na hipótese de impedimento do presidente.

Parece que se fecha um ciclo da história da esquerda no Brasil. O que não significa simplesmente ignorar o ciclo anterior sem resgatar o que houve de positivo. Muito antes, pelo contrário. Hoje, o próprio PT fala numa refundação e, seguramente, o reposicionamento da esquerda no Brasil tem como componente essencial esse contingente que

Balanço
Fecha-se
da história
esquerda
do qual a
instituição
sairão m
e haverá
controle
populaçã
as camp
políticas

Crise, afirmam professores da UFRGS

da crise
um ciclo
ia da
no País,
s
es
ais fortes
maior
da
io sobre
anhas

acreditou, dentro do PT, num projeto alternativo, seja a militância, sejam os dirigentes, que não se comprometeram com o que está acontecendo com o governo e com o partido.

Parece-me essencial pensar o futuro radicalmente, definindo medidas para mudar o modelo de campanhas eleitorais. Já há, inclusive, um projeto de lei sendo examinado no Congresso Nacional que atende parcialmente a esse objetivo. Em termos

de medidas de curto prazo, devemos também reduzir drasticamente o número de CCs nas três esferas de governo federal, estadual e municipal. Simplesmente proibir as emendas parlamentares individuais ao orçamento público, só admitindo emendas de bancada. A médio e longo prazo, aí sim, devemos pensar em reformas em profundidade.

Acho que está presente o sentimento dos participantes de que não podemos nos precipitar. O receio que vejo quando se fala em reforma política ou em Constituinte é novamente a tendência a soluções salvacionistas. Acredito que a solução passa por práticas, por comportamentos e pelo que Montesquieu chamaria “os costumes políticos” de uma nação. É isso o que nós temos de transformar em substância.

Chamo a atenção para o fato de que vivemos numa conjuntura em que as forças progressistas, democráticas e de esquerda estão encurraladas, na defensiva. E há um avanço do pensamento de direita e conservador. É verdade que talvez seja precipitado falar em uma hegemonia liberal conservadora para os próximos 20 anos. Quando me referi a isso, falei num sentido simbólico. Mas acho que haverá uma longa travessia para a esquerda, em função da conjuntura que estamos vivendo.

Nesse contexto, a reforma política e a Constituinte, em que pesem as mazelas da Constituição de 1988, significariam provavelmente um recuo conservador. Há o risco, por exemplo, de ser introduzido o voto distrital no Brasil, o que seria um retrocesso muito grande na representação para as forças democráticas, já que a idéia do voto proporcional sempre foi uma bandeira republicana e socialista.

Fala-se também na adoção do parlamentarismo, tradicional proposta do conservadorismo no Brasil. A manterem-se os parâmetros do Congresso Nacional, bicameralista, formado por um Senado Federal com amplas prerrogativas e uma Câmara dos Deputados com distorções na representação, se for introduzido o parlamentarismo este será, inevitavelmente, conservador. Então, neste momento, promover uma mudança substancial no sistema político e de representação, e na Constituição pode ter um efeito danoso na perspectiva de projetos alternativos.

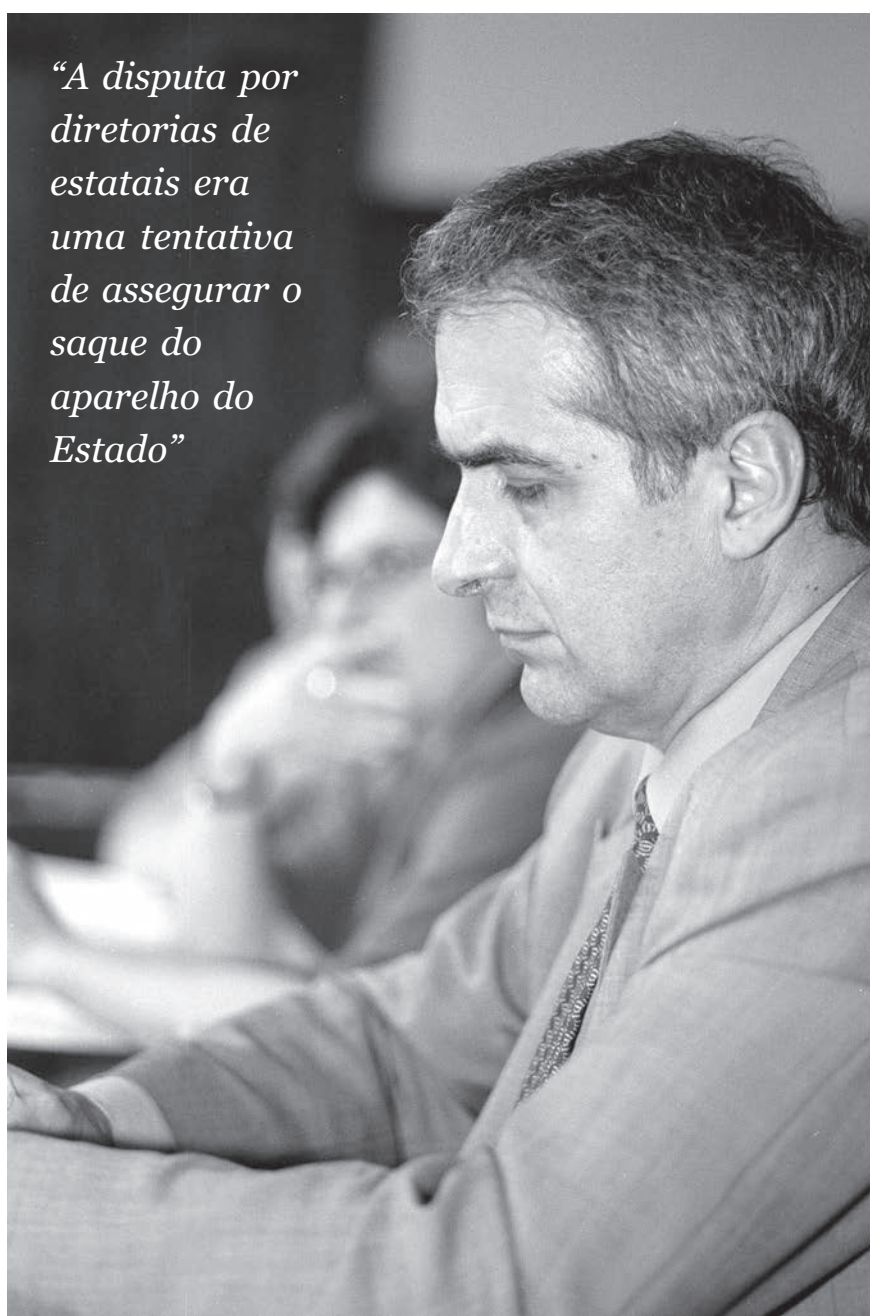
JU – É possível que Lula não soubesse de nada?

Céli – Acho muito difícil que o presidente da República e o con-

junto das pessoas que trabalham dentro do Palácio do Planalto não soubessem do que estava acontecendo. Quando se tem uma estrutura hierárquica, se faz muita coisa sem contar para a figura de ponta. Contudo, não acredito que esse esquema todo estivesse sendo construído por duas pessoas. Certamente havia mais gente envolvida. Não sabemos da guerra no interior do governo em relação a isso e talvez, nunca saibamos, salvo se alguém, lá pelas tantas, escrever uma biografia revelando estas informações. E, sinceramente, não vejo muita importância nesta questão. Lula podia saber ou não, mas a responsabilidade dele, como presidente, é imensa, independentemente disso.

Ferrari – Por mais que seja irrelevante saber se o Lula tomava conhecimento ou não, e eu entendo que ele tomava conhecimento, pelos motivos expostos pela Céli, é pouco provável que essa questão toda tenha envolvido somente dois ou três segmentos da esfera palaciana. E Lula, tempos atrás, deu indícios de que sabia e sabe de muitas coisas, quando do episódio da demissão do ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES), Carlos Lessa. Lula, naquela situação, afirmou que tinha conhecimento de que o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso teria praticado atos de corrupção em seu Governo, principalmente no que diz respeito ao processo de privatizações. Se, naquela ocasião, Lula foi conivente, ao omitir-se perante os fatos, é improvável que agora ele viesse a adotar outro comportamento.

Carrion – Tratando-se de um sistema presidencial, com hipertrofia do Executivo, em que o presidente livremente nomeia seus auxiliares mais imediatos, como livremente também os demite, o que é mais grave: saber tudo, saber alguma coisa e nada



“A disputa por diretorias de estatais era uma tentativa de assegurar o saque do aparelho do Estado”

Uma das conseqüências da crise é o fim da espetacularização da política, a outra é que as pessoas perceberão que a economia não é assim tão blindada

fazer ou pouco fazer, ou simplesmente, levando em conta a natureza presidencialista do nosso governo, não saber nada?

JU – Que perdas e ganhos o País terá com a crise?

Cattani – Acho que teremos, sobretudo, ganhos. Esta crise representa um ganho e, neste ponto concordo plenamente com o Carrion, pois vamos ter uma menor espetacularização da política. Era uma bobagem todas aquelas campanhas, aquele marketing político, a falsidade em todos os partidos. Isto vai ser reduzido por força da possível reforma eleitoral ou mesmo sem ela. As campanhas serão mais controladas. Agora, está todo mundo de olho em todo mundo, e acho que haverá também uma moralização do aparelho do Estado. A disputa acirrada por diretorias de estatais nada mais era do que para assegurar o saque organizado do aparelho do Estado. Agora, acredito que haverá um controle maior. O Ministério Público – afora umas bobagens localizadas que está fazendo – sairá reforçado. Então, num balanço sintético, acho que a crise foi extremamente positiva.

Ferrari – Analisando especificamente a condução da política econômica, considero que ela pode protagonizar ganhos e perdas. Eu diria que o ganho será a constatação de que a atual política econômica não assegura blindagem para a economia, como se apregoa. Só existe blindagem quando se entender que o controle do processo inflacionário não é o objetivo fim da política econômica. Ele é um meio para se propiciar crescimento e desenvolvimento com inserção social. Enfim, o ganho será que as pessoas perceberão que a economia não é tão blindada assim. Contraditoriamente, a perda será a própria ortodoxia econômica. Como foi dito, quem se locuple-

ta com a política econômica é o grande capital industrial e o capital financeiro. Assim sendo, provavelmente, esses agentes vão exigir mais arrocho fiscal e mais política monetária ortodoxa para continuarem se locupletando.

Carrion – Com relação às perdas e ganhos respondo com uma pergunta: se não houvesse essa crise, se não houvesse essas denúncias, quais seriam os rumos do país? Haja vista a situação que vivemos no passado recente na Argentina, com um peronismo praticamente mafioso, haveria o risco de termos essas relações suspeitas de fundos de pensão com a estrutura sindical e que pudéssemos ter também mazelas equiparáveis. Então, a não acontecer o que está acontecendo, talvez o nosso destino fosse mais trágico.

Considero importante o resgate da dimensão republicana, a reaglutinação das forças de esquerda e o repensar de seus projetos. É a hora de pensar melhor o que é a institucionalidade da democracia e de um partido, na perspectiva das forças alternativas. Isso se perdeu muito, em função do desafio do exercício do poder. Com relação, por exemplo, ao fenômeno de burocratização do Estado e dos partidos. São inúmeras questões. Acredito que as forças progressistas e democráticas serão obrigadas a reavaliar tudo isso e esse é um dos aspectos positivos, entre outros.

Céli – Tendo a concordar com os colegas que falaram antes. Não gosto da expressão cultura política, mas julgo importante a experiência política que o país está tendo. Acredito muito pouco em reformas, em engenharias políticas milagrosas.

Concordo com o Carrion: o parlamentarismo e o voto distrital seriam um desastre para o país. A única forma que temos para democratizar o país e democratizar o poder é aumentar o controle sobre o poder. Quanto mais controlarmos o poder, mais ele será obrigado a ser aberto. No ano que vem, teremos uma eleição absolutamente controlada pela sociedade. O candidato que oferecer um chaveirinho a mais vai ser apontado: olha lá, ele está com um chaveirinho. E isso é muito bom. Acho que este é o grande ganho.

Não há reforma política nem engenharia institucional que possa controlar a troca de favores entre o Estado e o campo político, só a sociedade é capaz de fazer isso. Concordo até que terá de passar muitos anos para conseguirmos reconstruir aquele PT dos 25 anos que foi destruído. Agora, como regime, sairemos melhorados. Outra vez, concordo plenamente com o Carrion: se não tivesse havido isso, para onde iria o país com todo esse roldão de dinheiro de fundos de pensão, de sindicatos etc. correndo internamente sem a gente saber? É sempre melhor o conjunto da população saber das coisas do que não saber, independente do que se saiba.

Entrevista realizada no dia 22 de agosto, na Sala dos Professores da Faculdade de Direito da UFRGS, pelos jornalistas Ademar Vargas de Freitas, Ânia Chala, Sandra Salgado e Sônia Torres, com fotos de Flávio Dutra.



“Eu não teria nenhuma surpresa se, após tudo isso, Lula fosse reeleito”



Somos brasileiros, não latino-americanos

Nossos vizinhos 1 Sociólogo argentino avalia a imagem do povo brasileiro entre seus compatriotas

Jacira Cabral da Silveira

Carnaval, futebol, samba e mulata. Até que ponto esta imagem caricata do Brasil, comum em continentes distantes, se repete entre os países vizinhos da América Latina. Com esta entrevista com o sociólogo argentino, professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Raúl Enrique Rojo, o Jornal da Universidade dá início a uma série de matérias em que procurará descobrir como os demais países sul-americanos percebem os brasileiros. Como critério, foram selecionados os parceiros do Mercosul, uma vez que este é um dos mais importantes projetos de política externa do Brasil.

Diagnóstico – “Os brasileiros não se percebem latino-americanos.” A avaliação é do professor Raúl Enrique Rojo. Para comprovar o que diz, menciona edições brasileiras de antologias de poetas latino-americanos: “Não há presença de poetas do Brasil”. Isso se repete nas recompilações de músicas latino-americanas: “Será um CD de músicas hispano-americanas”.

O diagnóstico de Raúl Rojo sobre a forma como os demais latino-americanos e, em especial, os argentinos, vêem os brasileiros, resulta de mais de uma década de convivência. Ele chegou ao Brasil há 13 anos, vindo da França onde cursou mestrado e doutorado em Sociologia na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*.

Com sotaque carregado e lenço de seda no pescoço ao estilo inglês, o sociólogo comenta que a pátria é o lugar onde escrevemos nossos livros. E foi no Brasil que ele publicou em 1998 *Instituições Políticas Comparadas dos Países do Mercosul*, pela Fundação Getúlio Vargas. Na UFRGS, organizou em 2003 *Sociedade e Direito no Quebec e no Brasil* e, neste ano, *Dossiê Sociedade e Direito*.

Abertos e divertidos – É como são vistos os brasileiros, na opinião de Raúl Rojo. Mas a tolerância descreve melhor a índole brasileira nos textos de alguns intelectuais citados pelo sociólogo. Guillermo Odonnell em *A mim que me importa* e Roberto da Mata em sua obra sobre carnavais, malandros e heróis, falam de um povo pacato. “A paz social no Brasil

acontece a partir de um certo grau de aceitação das regras muito maior do que na América Hispânica.”

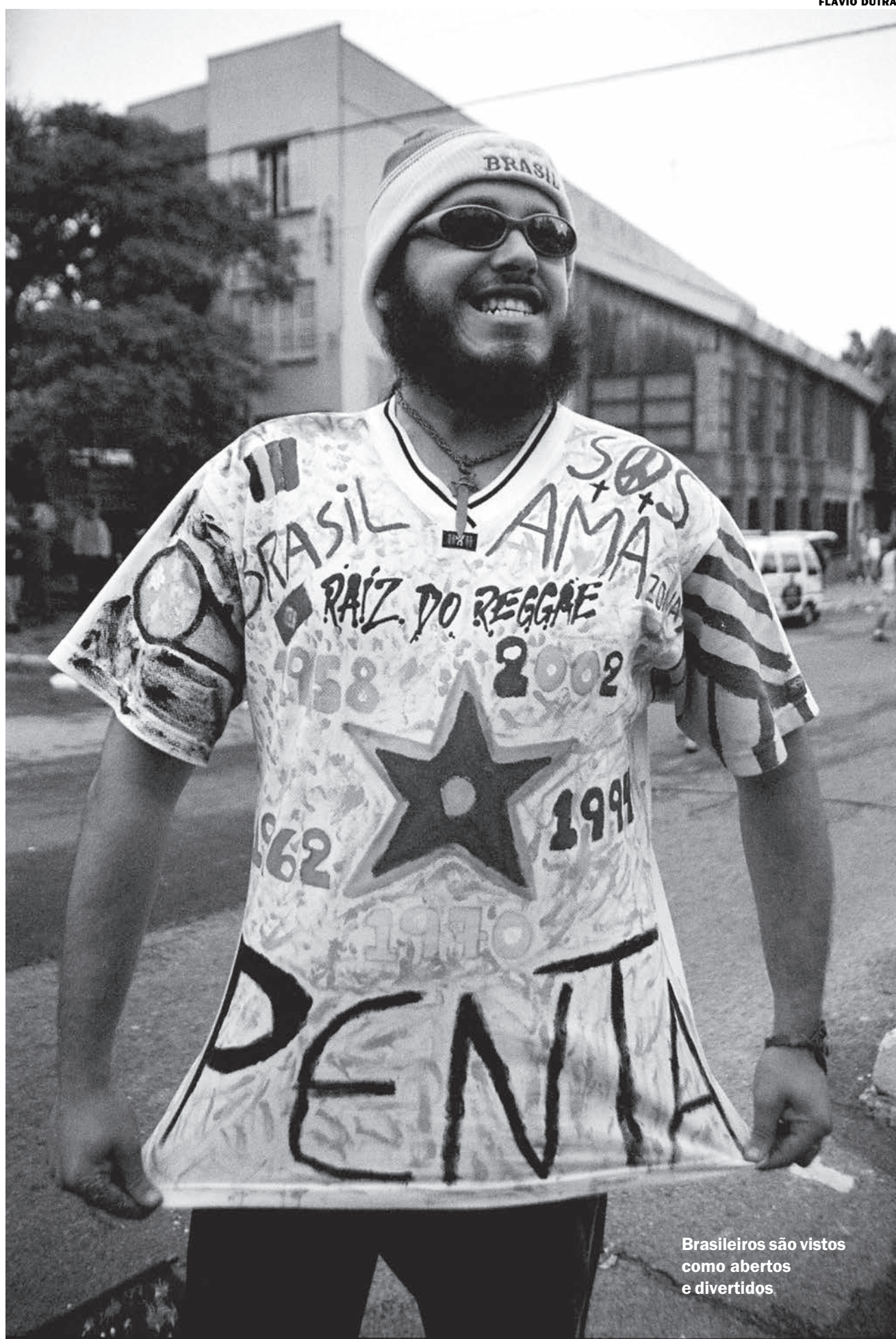
Segundo Rojo, quando um brasileiro, em particular um carioca, se depara com a pergunta: “O senhor sabe com quem está falando?” ou “O senhor sabe quem eu sou?” ele fica quieto e aceita a imposição hierárquica. Já os argentinos, ao serem provocados com a pergunta “Você sabe quem eu sou?” respondem: “A mim que me importa?”, ou, “A mim, que m* me importa?”.

Outra comparação de Odonnell, lembrada por Rojo, é a forma como brasileiros e argentinos se portam no trânsito. Ao tentar entrar em uma via principal com grande fluxo de carros, o brasileiro espera uma lacuna e entra sem provocar tumulto e ainda faz o sinal de positivo com o dedo polegar para o carro atrás do seu. Já um motorista argentino, entra com tudo no fluxo, pois sabe que ninguém vai dar chance a ele. Criado o tumulto, coloca a mão para fora e responde com outro sinal aos palavrões que escuta. “Nestes casos, o dedo levantado não é o polegar e a paz social não fica a salvo como acontece com o bom humor dos brasileiros.”

Fominhas – Raúl Rojo viaja muito pelo continente, trocando idéias com outros especialistas da área em congressos, seminários ou encontros casuais. Ele recorda uma de suas últimas conversas com o sociólogo chileno Manuel Antonio Garretón que comentou admirado a nova relação entre Brasil e Argentina: “Acabou o confronto? Eles agora dizem a mesma coisa”.

Embora concorde com o amigo, para Rojo essa sintonia está em crise, como o final de uma fulminante e breve paixão: “Eles se apaixonaram muito em 2002/2003 e hoje dormem em camas separadas”. Mas esta é uma percepção de intelectuais e da elite argentina. Segundo o professor, para a maioria de seus compatriotas de menor formação, essa mudança de relação sequer foi percebida: “Eles permanecem acreditando que são superiores aos demais”.

A política agressiva do presidente Lula na ocupação de novos espaços e sua tentativa de intervir na redação da agenda internacional rendeu novo apelido aos brasileiros: os fominhas.



Brasileiros são vistos como abertos e divertidos.

Para intelectuais, a tolerância descreve melhor a índole brasileira

“Se há uma vaga a mais no Conselho da ONU, o Brasil quer; se vai ser escolhido o novo presidente da OMC, o Brasil quer; se

há uma vaga na OEA, o Brasil quer; até o Papa o Brasil quis fazer!” Rojo lembra as palavras de Nestor Kirchner, presidente da Argentina.

Da paixão ao ódio é um pulo. Para o professor, o clima tradicional de rivalidade entre argentinos e brasileiros tem origem muito mais em uma memória coletiva do que na ótica dos historiadores. “É a partir desta visão mística de si próprios que os argentinos se acham distin-

tos e melhores com relação aos brasileiros.” Mas, segundo Rojo, esse discurso de que o Brasil pretende o que não tem direito tem origem nas camadas mais preteridas social e economicamente do que nos governos ou na academia.

O estranhamento surge das diferenças culturais

Antes de começar a dizer como os argentinos percebem os brasileiros, o professor do Departamento de Sociologia, Raúl Enrique Rojo, fez questão de explicar o “estranhamento” existente nas diferenças culturais através das diferentes trajetórias que marcaram a história dos povos hispano-americanos e luso-americano.

“Embora ambos sejam o resultado de um processo colonizador ibérico, esse processo se deu por caminhos distintos no século 19.” Enquanto os países hispano-americanos são o resultado da fragmentação da colônia castelhana, o mesmo não ocor-

reu na emancipação brasileira que se deu sem rupturas, conservando a continuidade territorial. “Em contrapartida, os países hispano-americanos enfrentaram cerca de 30 anos de guerras civis sangrentas em busca de sua libertação.”

Em comparação com as ditaduras que havia na Argentina, Uruguai e Chile, Raúl Rojo diz que a ditadura brasileira é considerada uma *ditablanda*, fazendo um jogo de palavras para caracterizar um processo menos destruidor. “Enquanto em uma população brasileira de 100 milhões de habitantes foram 2.500

desaparecidos, na Argentina, foram 30 mil desaparecidos em uma população de 30 milhões. São 250 mil pessoas que, de uma forma ou de outra, sofreram por perdas de amigos ou parentes.”

Segundo Rojo, o federalismo brasileiro ocorre a partir de uma negociação entre o centro imperial e a periferia das províncias. Isso se reflete na constituição brasileira em que os Estados têm os direitos que são concedidos pelo centro. Na Argentina, a solução é inversa. O governo federal tem os direitos delegados expressamente pelas províncias, e aquilo que não está delegado ex-

pressamente é retido pelas autonomias provinciais.

“Isso não quer dizer que um é melhor do que o outro, mas significa que o processo de organização como estado-nação de alguma maneira fez com que estes dois blocos se ignorassem respectivamente. Inclui com projetos nacionais diferentes, ou concorrentes.” Na época, foi promovido um congresso a fim de levar a cabo este ideal de liberdade para os povos latino-americanos, encabeçado por San Martín e Simón Bolívar: “Mas o Brasil sequer foi convidado a participar”.



Mercosul: bons negócios

A partir dos anos 80, período de transição das ditaduras dos povos da América Latina, aconteceu uma série de experiências compartilhadas que, de alguma maneira, resultou no Mercosul. Na opinião de Raúl Rojo, esta nova configuração das relações, especialmente entre Brasil e Argentina, é uma oportunidade para bons negócios. “É comparável, até certo ponto, ao projeto da União Européia, em que os dois principais parceiros migram de uma relação de suspeita recíproca para um convívio de parceria.”



Afinal, quem são esses novos velhos?

Vida moderna Pessoas com mais de 60 anos não querem apenas viver mais, querem viver melhor

Jacira Cabral da Silveira

Tal pergunta não caberia há uns poucos anos. Mas os percentuais de indivíduos com mais de 60 anos estão aumentando no mundo inteiro. No Brasil em 2025, segundo o IBGE, serão 30 milhões, ou 15% do total da população. Essa realidade tem feito as pessoas reverem seus conceitos.

Se antes o enfoque que vigorava era o geriátrico, através de estudos sobre as doenças na velhice, hoje o olhar se volta para os 70% da população mais velha sem problemas de saúde. Eles correm nas ruas, dançam nos bailes, organizam viagens, trabalham em ONGs, freqüentam faculdades. Estão grisalhos e mais jovens.

“O que importa é o curso de vida,” argumenta Odair Perugini de Castro, psicóloga com especialização em gerontologia, estudo sobre o envelhecimento. Para Odair, que há 15 anos idealizou a Universidade para a Terceira Idade (Uniti) na UFRGS, não há nenhum retrocesso na velhice, mas a necessidade de um novo ordenamento cotidiano, um reconhecimento e administração de perdas, ganhos e transformações.

“As pessoas velhas devem cultivar a independência dentro de um modelo ideal de interdependência, onde exista a co-participação”. Odair julga importante o convívio entre as gerações. Convívio que será fundamental daqui a algumas gerações, avalia Johannes Doll, professor da Faculdade de Educação e coordenador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento da UFRGS. Segundo ele, as famílias estão diminuindo em tamanho e o convívio entre irmãos e primos será mais escasso: “Vamos ter que desenvolver um diálogo entre as gerações”.

Em junho, quando Odair participou do 18º Congresso Mundial de Gerontologia, no Rio de Janeiro, foi apresentado estudo que revela que as pessoas estão vivendo 29 anos a mais. No Brasil, o aumento da população mais velha começou na década de 60, e foram as universidades que começaram a discutir a questão. “Os baixos índices de natalidade e as melhores condições de saúde e higiene são fatores que contribuíram para o crescimento da população com mais de 60 anos”, comenta Johannes.

Segundo ele, em 1960, o grupo de pessoas nesta faixa etária era de 4,7% da população brasileira, enquanto o grupo de jovens (0 a 14 anos) era de 47%. Atualmente 8,6% da população brasileira é de pessoas com mais



Para os velhos, o que importa é o curso da vida

de 60 anos e 29,6% de jovens. No Rio Grande do Sul a população de idosos é de 10%. Para o educador, além da discussão das aposentadorias, a sociedade terá que enfrentar um novo perfil profissional para adequar-se à nova configuração social.

Viver mais e melhor – É quase um novo dito popular que se estabelece em países como o Brasil, onde a mídia exerce tanta influência. Uma das orientandas de Johannes, Anne Ramos, pesquisou a forma como as crianças percebem o velho: “Partindo do pressuposto de que aquilo que conhecemos é aprendido histórico-socialmente numa cultura, queria entender que discursos existem na ótica infantil”. Ela constatou que as crianças identificam como velho aquela pessoa que corre nas praias de Copacabana e faz academia. Mesmo que estas crianças vivam em uma vila porto-alegrense.

Estereótipos à parte, na discussão científica existem duas classificações: os velhos-jovens (pessoas ativas, que aproveitam a vida) e os velhos-velhos (aqueles que sentem o peso de problemas de saúde). Estes últimos, conforme Johannes, precisam que a sociedade esteja estrutu-

A sociedade terá que se adequar a esta nova composição social

almente preparada para as adaptações necessárias, quer através de políticas, quer em sua arquitetura. A mudança também atingirá os cursos superiores e as pesquisas, continua Johannes.

A Organização Nacional de Saúde pontua a terceira idade nos países em desenvolvimento a partir dos 60 anos e, nos de-

envolvidos, depois dos 65. “Mas esses limites são muito pequenos. Uma pessoa de 60 anos hoje, em dia, está cheia de vida”, comenta Odair. Conforme a gerontóloga, o novo velho está reencontrando sua identidade. Se, na história, o chamado idoso perdeu sua subjetividade, na atualidade, ele a recupera.

“O idoso está assumindo que pode fazer muitas coisas”, continua a psicóloga. É claro que vai depender muito de uma vida anterior. “O ciclo vital é biológico, funcional e genético, mas no curso de vida eu vou construindo meus conceitos, minhas relações, meus estudos e conhecimentos.” E esse “envelhecendo”, conforme Odair, só ficará enclausurado se até então levou uma vida sem compartilhar seu tempo com os outros.

Chutes e política – “Falamos tanto em cidadão e cidadania, mas a sociedade dava chute no velho. A aposentadoria é exemplo

15 anos da Uniti

A Uniti UFRGS é uma oportunidade para pessoas maduras reconhecerem-se como indivíduos atuantes. Turmas semestrais de até 150 pessoas freqüentam a universidade, participando de aulas de atualização. Os interessados podem entrar em contato através do telefone 3316-5151 ou na rua Ramiro Barcelos, 2600, sala 102.

Para comemorar, foram organizadas diversas atividades:

4/10 – terça-feira: exposição *Histórico e pesquisas da Uniti*, no Instituto de Psicologia, com visita das 9h30min às 17h.

5/10 – quarta-feira: sessão solene, na Sala II do Salão de Atos da Reitoria, às 10h.

6/10 – quinta-feira: encontro Intergeracional, no auditório da Escola Técnica, das 14h30min às 17h30min.

Disciplinas na UFRGS

A Política Nacional do Idoso recomenda a inclusão do tema na formação profissional através de disciplinas sobre o envelhecimento. A UFRGS já tem algumas iniciativas: na Psicologia, Educação Física e Enfermagem existem cadeiras opcionais. Na Odontologia e Medicina as disciplinas são obrigatórias. Na Antropologia o tema é focado em diferentes disciplinas. A partir de 2006, a Faculdade de Educação oferecerá disciplina opcional sobre educação e envelhecimento.

disso.” Odair, mesmo reconhecendo a reação da população idosa em busca de uma vida melhor, considera muito lenta a adoção efetiva de políticas sociais. “É uma injustiça dizer que uma pessoa de 70 anos não pode mais trabalhar.”

A implantação de políticas para as pessoas idosas no Brasil começou a partir de 1994 com a Lei 8842 – Política Nacional do Idoso (PNI), promulgada em 1996. No Rio Grande do Sul só em 2000 foi criada a Política Estadual do Idoso.

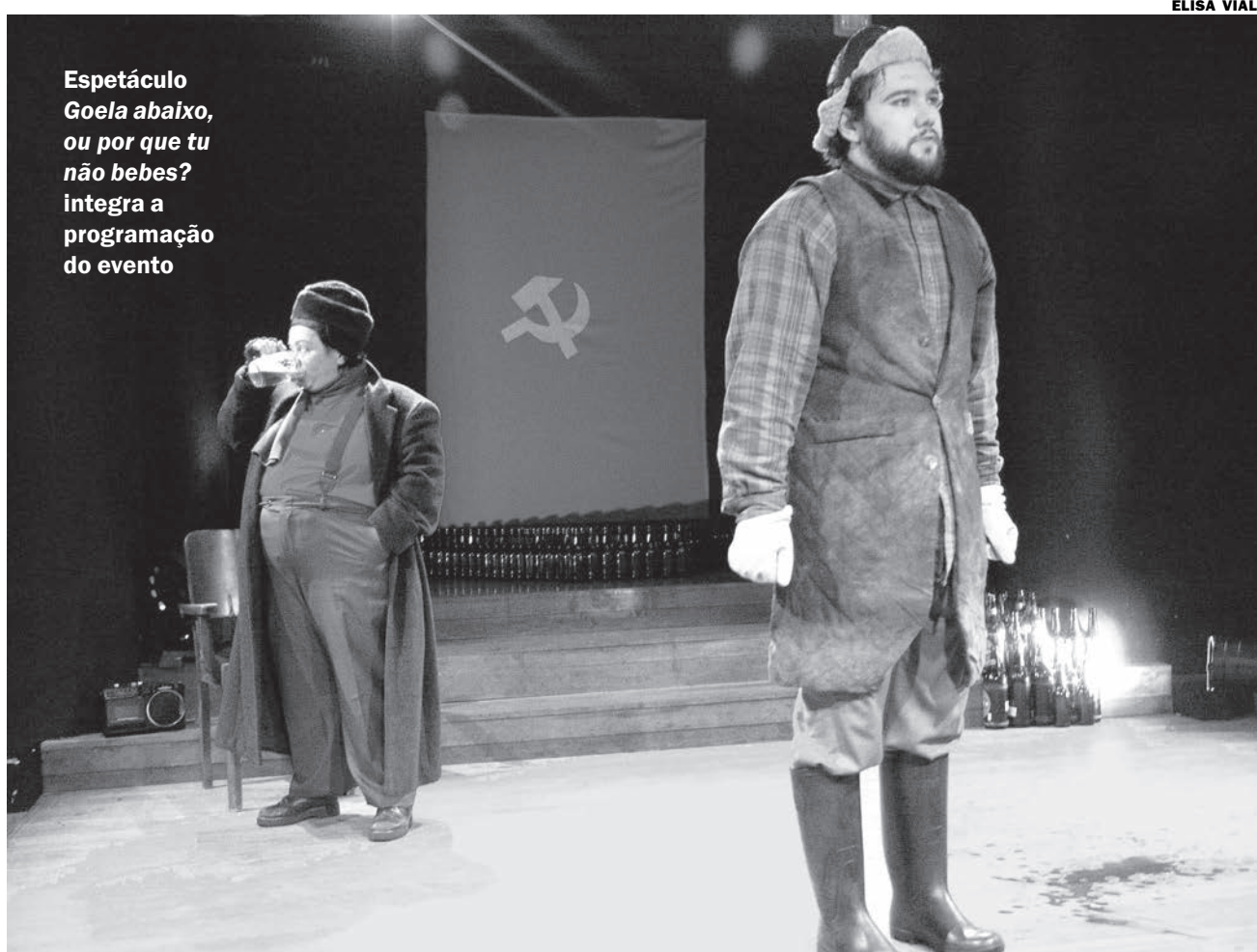
Johannes Doll considera difícil a implantação das políticas brasileiras para os idosos, devido à resistência de uma sociedade que não se preocupa tanto com o envelhecimento como deveria. Ele critica recente decisão do governo estadual sobre a distribuição de verbas para políticas públicas: “A preferência diz respeito à família e à criança e não sobra para outros setores como para a pessoa idosa”.





Uma realidade distinta e temporária para o teatro

Porto Alegre em Cena Evento impõe uma nova realidade, um momento ímpar na delicada relação cena-platéia



ELISA VIALI

Espectáculo *Goela abaixo, ou por que tu não bebes?* integra a programação do evento

Marta Isaacsson*

O teatro parece seguidamente fadado a apagar-se. O público re-traiu-se, mesmo no eixo Rio-São Paulo, onde o número de sessões semanais reduziu-se a três. Estamos diante de uma sociedade que escolhe outros atos narrativos e figurativos para sua representação coletiva. As produções teatrais de êxito são normalmente aquelas que recorrem a personalidades ou à repetição da linguagem narrativa de outras formas de representação de sucesso. O teatro de resistência, comprometido com sua identidade e essência, parece assim marginalizado. Fala-se, então, de crise do teatro.

Entretanto, em momento de recuo do espectador, o teatro em Porto Alegre prolifera em outro sentido: ganha novos grupos, improvisa novos espaços, multiplicam-se as oficinas de formação, e os cursos de Bacharelado e Licenciatura em Teatro de nossa Universidade apresentam anualmente um número significativo de candidatos ao ingresso. Há uma nova geração que não se acomoda, evidenciando o forte desejo de viver do teatro.

Estamos, assim, diante de uma dinâmica de contrários: a rarefação do público não conduz à queda da frequência dos cursos e oficinas, nem o crescimento do número de atores em potencial produz expansão concomitante de público.

Mas a primavera se anuncia. O *hallvazio* do teatro, o olhar perdido do bilheteiro à espera de mais um espectador, a expectativa aflita dos atores na confirmação da sessão, tudo será substituído... Grande disputa na compra de ingressos, congestionamento no sistema de aquisição pela Internet e, depois, no dia do espetáculo, a fila dos "sem ingressos", dispostos a se sentarem no chão.

O 12º. Porto Alegre em Cena chega e impõe uma nova realidade, um momento ímpar na delicada relação cena-platéia. O evento conquistou sólido espaço

social, passando ileso sobre as questões políticas e ideológicas que envolveram sua coordenação. É hoje volta às mãos de seu idealizador, o diretor teatral Luciano Alabarse.

Em *Insulto ao Público*, o dramaturgo alemão Peter Handke define o espetáculo teatral como "um tempo dentro de outro tempo". Assim é o Porto Alegre em Cena. Em uma sociedade que vive do espetáculo, inclusive no Congresso Nacional, o evento torna-se espetáculo para "espetacularizar" aquilo que, na sua forma singular, perdeu esta dimensão ao olhar do público. Ele conquista a magnitude indispensável para despertar no espectador sua necessidade de "assistir", pela multiplicação de espaços e diver-

Há uma nova geração que não se acomoda, evidenciando o forte desejo de viver o teatro

sidade de espetáculos. Não revela "um" projeto estético, mas realiza, pelo ecletismo de sua programação, um gesto pós-moderno: fragmentação, mistura de gêneros, formas e culturas.

A programação divulgada para esta edição reafirma seu compromisso com a produção local e reatualiza seu gesto de compor um quadro heterogêneo e dinâmico. As expectativas mais diversas serão atendidas: atores reconhecidos nacionalmente cotejarão o teatro experimental, com destaque para o polêmico *Regurgitofagia*, em que o ator recebe descargas elétricas no corpo em decorrência das reações da platéia. A cena visita autores consagrados da dramaturgia contemporânea, H. Pinter, J. Genet e S. Beckett e busca inspiração nas palavras de

Thomas Morus e Dostoievski.

Na contramão da diversidade, o teatro brasileiro será representado fundamentalmente pelas produções cariocas e paulistas, nas quais a narrativa biográfica revela facetas da vida de Renato Borghi, Dercy Gonçalves, Virginia Lane, Arthur Rimbaud, Paul Verlaine... e mesmo o amor extraconjugal do moralista Nelson Rodrigues.

Na transposição de fronteiras geográficas, o teatro latino-americano encontra espaço privilegiado com a presença de espetáculos oriundos de diferentes nacionalidades. O evento, uma vez mais, oferecerá a oportunidade de contato com a arte de um dos maiores diretores teatrais, Peter Brook, pela montagem alemã do desafiador texto de Beckett, *Happy Days*. Com *Endstation Amerika*, a Alemanha apresentará ainda seu "enfant terrible", Frank Castorf, conhecido por fazer da cena espaço político, reivindicação social e ruptura com o pensamento europeu unificado, através de encenações marcadas pelo forte engajamento corporal dos atores e emprego de novos recursos multimídia.

O Porto Alegre em Cena encerrará. Na sua transgressão de limites, mereceria agora transgredir a fronteira do tempo, oferecendo à história vestígios materiais da efêmera arte cênica, pela publicação de críticas sobre os diferentes espetáculos que reúne. Por enquanto, certo é que ficarão lembranças de palavras, emoções, corpos no espaço, despertando em muitos jovens o impulso de fazer teatro. Infelizmente, o fenômeno de público do Em Cena não se repetirá após seu término. Assim, permaneceremos com a árdua tarefa de refletir sobre o divórcio cena-platéia, na busca de rearticular o desejo de fazer e a necessidade de assistir, pois teatro torna-se acontecimento pela presença indissociável destas duas ações.

* Professora do Departamento de Arte Dramática da UFRGS

Resenhas

Por Caroline da Silva

Ações para novas ações

Uma reunião de 13 artigos de educadores "sobre ações educativas que, a partir das reflexões sobre o realizado, incita à proposição de novas ações", conforme Merion Campos Bordas, na apresentação. A ex-diretora da Faculdade de Educação também afirma que os conhecimentos e práticas apresentados no livro são essenciais para o desenvolvimento do trabalho educativo em nosso tempo. O CD que acompanha a obra apresenta as atividades desenvolvidas no Programa de Formação Continuada de Professores da Educação Básica, detalhando sete projetos de extensão desenvolvidos na UFRGS de 2000 a 2004.

A organizadora da obra, Jaqueline Moll, afirma que "analisados em conjunto, estes textos revelam a pluralidade e a multiplicidade de abordagens e enfoques teóricos que caracterizam o trabalho em uma universidade pública, na qual a liberdade de pensamento e expressão permitem a produção de conhecimentos conectada e definida pela complexidade do mundo contemporâneo". A organizadora é pedagoga, doutora em Educação, professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS na linha de pesquisa Educação, Culturas, Memórias, Sociedade e Estado.



REPRODUÇÃO / EDITORA DA UFRGS

MÚLTIPLOS ALFABETISMOS

Diálogos com a escola pública na formação de professores

Jaqueline Moll

MÚLTIPLOS ANALFABETISMOS

Ed. UFRGS, 223 págs., inclui CD, R\$ 36,00*, organizado por Jaqueline Moll

A história e a cultura na arquitetura

Esta é a edição revista e ampliada de *Arquitetura da imigração alemã*, título de 1983, que foi a primeira publicação a tratar esse tema de forma abrangente no país. Quase 25 anos depois da edição original e com conceitos reformulados, o autor percebeu que esse livro aborda apenas a contribuição de construtores sem formação acadêmica. Por isso, a *Arquitetura popular da imigração alemã*, em contraponto à *Arquitetura erudita da imigração alemã*, sua obra recente.

Configura-se num estudo pioneiro por contemplar não só as colônias alemãs da Encosta da Serra, mas também as isoladas no meio luso-brasileiro, que apresentam uma arquitetura peculiar. Dessa forma, o autor teve de recorrer a uma perspectiva histórica da Arquitetura e também a viagens à Alemanha. A necessidade de conhecer melhor as condições em que se deu a imigração no Rio Grande do Sul e cobrir as lacunas dessa "História" o levou até a um Curso de Pós-graduação em História da Cultura.

Esta obra de grande apelo histórico e cultural conta com inúmeras ilustrações e fotografias, poemas em alemão traduzidos e um glossário para termos específicos.



REPRODUÇÃO / EDITORA DA UFRGS

ARQUITETURA POPULAR DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ

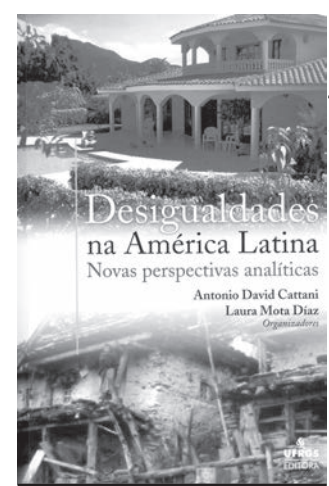
Ed. UFRGS, 431 págs., 2a. edição, R\$ 56,00*, de Günter Weimer

Desigualdades na América Latina

A obra apresenta nove artigos de cientistas sociais que sintetizam parte das conclusões do XXIV Congresso Latino-americano de Sociologia, realizado em 2003, na cidade de Arequipa, Peru. Os autores se propõem a interpretar as questões da desigualdade, da pobreza e da exclusão nas sociedades latino-americanas em suas várias dimensões (a precarização do trabalho, a pobreza urbana, os novos pobres e a ruptura dos laços sociais). O que à primeira vista poderia parecer um retrato desanimador traz alternativas, como a reconstituição de formas de geração de renda e a configuração do capital social mediante redes de solidariedade.

Antonio David Cattani é professor do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFRGS.

Laura Mota Díaz é docente e pesquisadora do Centro de Pesquisa e Estudos Avançados em Ciência Política e Administração Pública da Universidade Autónoma do México.



REPRODUÇÃO / EDITORA DA UFRGS

DESIGUALDADES NA AMÉRICA LATINA

Ed. UFRGS, 260 págs., R\$ 24,00*, organizado por Antonio David Cattani e Laura Mota Díaz

* Preços já com o desconto de 20% oferecido nas Livrarias da UFRGS

Eric Rosenblith e a arte de ensinar música

Música O violinista, que realizará recital e conferência no Instituto de Artes, fala de sua experiência docente

Entre os dias 8 e 15 de setembro, Porto Alegre receberá a visita de Eric Rosenblith, eminente violinista e pedagogo americano. A convite do Programa de Pós-graduação em Música e do Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS, Rosenblith realizará recital, conferência e *masterclass* (veja as datas na *Agenda* na página 14).

Professor do New England Conservatory, em Boston, e da Longy School of Music, em Cambridge, Rosenblith produziu uma nova versão para o inglês do livro *The Art of Violin Playing*, clássico manual para violinistas escrito em alemão por Carl Flesch, patriarca de grandes mestres do violino e professor de Eric Rosenblith.

Na entrevista a seguir, transcrita e traduzida pela professora do Departamento de Música, Hella Frank, a partir do *site* da Rádio da Universidade de Boston (www.wbur.org), Rosenblith fala da relação com seu mestre e da experiência como professor de música que não só ensina arpejos, estudos e escalas, mas transmite aos alunos a importância da autoconfiança, da individualidade.

Qual a principal dificuldade associada ao estudo de instrumentos musicais?

Eric Rosenblith – Às vezes, o estudo de música é uma tarefa bastante solitária. Como professores, devemos nos lembrar que uma pessoa não começa a estudar um instrumento porque quer tocar escalas. Ela aprende um instrumento porque gosta de música, porque reage a impulsos musicais, porque quer fazer música. Equilibrar estes aspectos é uma tarefa difícil, mas maravilhosa. Por isso, admiro infinitamente os professores que trabalham com iniciantes.

O que Flesch ensinou e o que senhor ensina?

ER – Acredito que toda a técnica necessária para tocar o violino é um meio para celebrarmos essa maravilhosa arte, para enxergá-la através de nossas personalidades. E esta é a abordagem que



FLÁVIO DUTRA

Mesmo para um professor de grande experiência, é importante descobrir e estimular o que um aluno jovem deseja ouvir

Flesch usava para transmitir sua sabedoria aos alunos. O livro *The Art of Violin Playing* é incrivelmente abrangente, retratando desde os mínimos aspectos, como, por exemplo, a posição dos pés ou da cabeça e suas implicações na execução musical de cada um. Ele acreditava ser um excelente professor porque não possuía um talento exuberante. Há pessoas de tamanha genialidade que não necessitam de qualquer ajuda. Mas há outras para as quais o professor é de extrema importância para trazer à tona o talento dentro delas. Mesmo lecionando há 50 anos essa tarefa não se torna entediante, porque lidar com a combinação de música maravilhosa e jovens interessantes é fascinante. Como professor, é possível reconhecer o talento e a genialidade de um aluno, seu refinamento de audição e sua sensibilidade.

Seus alunos freqüentemente dizem: “O professor Rosenblith ensinou-me a focalizar mais na música do que na técnica. Para ele, a música tem prevalência sobre a técnica”. Como o senhor resumiria sua abordagem pedagógica?

“Não podemos ser felizes estudando apenas escalas, sem o prazer de fazer música”

ER – Para um professor, essa é sempre uma questão de equilíbrio. Precisamos ensinar ao aluno os meios técnicos para se expressar musicalmente e ser um bom músico e, ao mesmo tempo, temos de avaliar a maneira

como este jovem reage ao que é sugerido. Posso dar um exemplo: uma adolescente trazia-me tudo o que eu lhe pedia absolutamente perfeito na aula seguinte, com exceção das escalas. Como já possuía uma boa técnica, perguntei-lhe se ela considerava aquele estudo entediante. Ela ficou calada, mas acenou com a cabeça vigorosamente que sim – ela se entediava com o trabalho. Assim, achamos uma outra maneira: desenvolvemos uma disciplina para estudar Caprichos de Paganini no lugar de escalas. Reagir ao que se escuta é uma habilidade importante. Mesmo para um professor de grande experiência, é importante descobrir e estimular o que um aluno jovem deseja ouvir – os anseios sonoros e musicais inerentes à pessoa acabam aflorando cedo ou tarde. Quando não existe este desejo, um pro-

fessor tem bastante trabalho para desenvolver esta necessidade num aluno.

O que é mais importante no relacionamento entre professor e aluno?

ER – É de grande importância que o aluno sinta que recebe do professor novas idéias, entenda novas relações, e assim saiba o que precisa ser estudado em casa. Não podemos ser felizes estudando apenas escalas e estudos, sem o prazer de fazer música. Entre meus alunos, tive um neurocirurgião muito famoso, excelente violinista. Depois de se aposentar, a coisa mais importante na sua vida, por várias décadas, foi fazer música com outras pessoas – trios, quartetos, quintetos. Somos todos diferentes, mas dar um sentido à música que se toca, independentemente se o fazemos profissionalmente ou não, é o que influencia a vida de muitas pessoas.

Novas páginas no Jornalismo Cultural

Imprensa A jornalista Maria do Rosário Caetano critica a hegemonia do entretenimento sobre a reflexão

Janine Mogendorff

O engajamento dos cadernos de cultura dos jornais brasileiros transformou os críticos de cinema em ‘recomendadores’ de filme, afirmou a jornalista Maria do Rosário Caetano, durante palestra aos estudantes de jornalismo na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Surpreendendo a platéia pela postura crítica e o vasto conhecimento cinematográfico, conversou sobre a trajetória de quase 30 anos como jornalista cultural nas áreas de música, teatro e principalmente cinema, a grande paixão. De passagem pela cidade, após o Festival de Cinema de Gramado, ela também autografou na Sala Redenção o livro *Cangaço*:

o Nordestern no Cinema Brasileiro (Ed. Avathar).

Nascida no interior de Minas Gerais, Maria do Rosário construiu sua vida acadêmica e profissional em Brasília. Da infância, veio o gosto pelos filmes, com os quais teve contato já nos primeiros anos de vida. O pai e o tio construíram o primeiro cinema da cidade, que ela começou a freqüentar nos anos 60, aos cinco anos. Via filmes diariamente. “O cinema era presente demais na nossa vida.” Em Brasília, no período em que cursava jornalismo na UnB, o contato com o Festival de Cinema foi determinante. “Nós, do curso de Comunicação, vivemos muito essa influência, era uma coisa quase mítica. Por essa razão saíram muitos jornalistas



culturais da minha turma.”

A opção por uma editoria menos nobre dentro do jornal não dificultou a carreira, tendo se especializado na cobertu-

ra de festivais de cinema, na produção, distribuição e lançamento de filmes brasileiros. Iniciou no *Jornal de Brasília*, depois foi para o *Correio Braziliense*, sempre na área de cultura, como repórter especial e editora. Hoje, é colaboradora de *O Estado de S. Paulo* e da *Revista de Cinema*.

Leitora voraz de pelo menos quatro jornais diários, Maria do Rosário não encontra um caderno cultural do seu completo agrado. “É óbvio que há matérias maravilhosas na *Ilustrada*, no *Globo*, no *JB*, mas ninguém mais se preocupa com o processo, com a reflexão, com o amadurecimento”, assinala. Sobre o *Estadão*, comenta que até três ou quatro anos fazia um

reportagem de qualidade, em especial na fase mais difícil do cinema brasileiro. Mas os espaços das editorias foram reduzidos pela pressão do aumento nos gastos de papel e o surgimento da Internet como novo meio de difusão da informação. Defendendo o jornalismo cultural de qualidade, critica a hegemonia do entretenimento, do espetáculo e do evento, que domina o jornalismo atual.

► SAIBA MAIS

Cangaço: O Nordestern no Cinema Brasileiro

Ed. Avathar, 120 páginas, R\$ 26,00, organizado por Maria do Rosário Caetano



CINEMA/DVD/VÍDEO

Cavaleiro Jorge

(Brasil, 2000, VHS, 13 min.), de Otto Guerra
O filme mostra as aventuras do Cavaleiro Jorge antes de virar santo. Na seqüência, exibição de documentários sobre meio-ambiente *Pusteblyme*, série de filmes infantis levada ao ar pela TV alemã.
Datas: 5, 6, 8 e 9 de setembro, segunda, terça, quinta e sexta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 12h30min
Entrada franca

A estrela oculta do sertão

(Brasil, 2004, 85 min.), de Elaine Eiger e Luíze Valente
Pré-estréia do documentário, promovida em conjunto com o Núcleo de Estudos Judaicos do Instituto de Letras, seguida de debate com as diretoras. O filme faz uma viagem às raízes do Brasil, onde costumes e tradições apontam uma origem judaica que se confronta com o judaísmo oficial, quando um grupo de pessoas resolve reivindicar essa identidade.
Data: 15 de setembro, quinta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Entrada franca

As cinzas de Deus

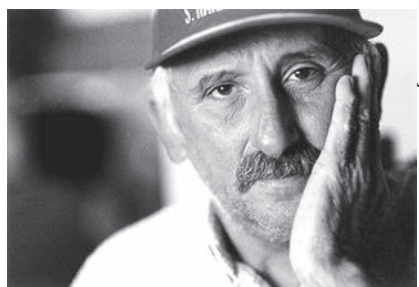
(Brasil/Inglaterra, 2003, 73 min.), de Andre Semenza
Primeiro longa-metragem brasileiro de dança contemporânea, inspirado no poema *Metamorfoses*, de Ovídio. O filme foi rodado nas ruínas de uma estação ferroviária no Sul de Minas, com coreografia de Fernanda Lippi. A exibição será seguida de debate com o diretor e a coreógrafa.
Data: 16 de setembro, sexta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Entrada franca

Antropologia no Cinema

Banco de Imagens e Efeitos Visuais do Departamento de Antropologia apresenta ciclo de filmes e debates sobre as cidades e a vida urbana, com exibição dos documentários: "Notícias de uma guerra particular" (1999, 35mm, 57 min.), de João Moreira Salles e Kátia Lund, no dia 6 de setembro; "O resto é o dia-a-dia" (2002, 11 min.), de Andréa Barbosa e "Viramundo" (1965, 40 min.) de Geraldo Sarno, no dia 13; e, "A letra e o muro" (2002, 33 min.), de Pitombo Fretin, e "Funk Rio" (1994, 46 min.), de Sérgio Goldenberg, no dia 20 de setembro.
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Entrada franca

Ciclo de filmes sobre Moçambique

Programação integrante da Semana de Moçambique na UFRGS, com a apresentação de curtas e longas de diversos gêneros.
Data: 19 a 23 de setembro, segunda à sexta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Entrada franca



Cinema BR em Movimento

Exibição de dois documentários brasileiros: "Peões" (2004, 85 min.), foto acima, de Eduardo Coutinho, dia 8 de setembro; e "Fé" (1999), de Ricardo Dias, dia 28 de setembro.
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Entrada franca

Destaque

Quarteto de violões no Unimúsica

Agenda do Quaternaglia inclui show e oficina gratuitos

Nos dias 1.º e 2 de setembro, a UFRGS recebe um dos melhores quartetos de violões da atualidade: o Quaternaglia, grupo paulista com 12 anos de atuação, que vem estabelecendo um verdadeiro referencial de obras inéditas, quase todas escritas por compositores brasileiros.

O grupo irá realizar o sexto show da série do Projeto Unimúsica dedicada à música instrumental brasileira, no dia 1.º de setembro, às 19h. No dia seguinte, a partir das 14h, no mezanino do Museu da UFRGS, Fernando Lima, Fabio Ramazzina, Sidney Molina e João Luiz (foto, a partir da esquerda) farão a oficina "Música popular de câmara", em que serão abordados temas relacionados aos métodos de estudo e ensaio e à organização da carreira no Brasil e no exterior.

Com quatro CDs gravados (Quaternaglia, 1995; Antique, 1996; Forrobodó, 2000; e Presença, 2004), o Quaternaglia é considerado por publicações como *Classical Guitar* e *Les Cahiers de la Guitare* um modelo de produção artística e técnica para grande parte dos trabalhos fonográficos do violão clássico brasileiro da segunda metade dos anos 90. Em breve será lançado seu primeiro DVD.



O show para o projeto Unimúsica será realizado no Salão de Atos da UFRGS, com entrada franca e doação opcional de alimento não perecível. A retirada de senhas para ingresso,

bem como as inscrições para a oficina "Música popular de câmara", podem ser feitas na bilheteria do Salão de Atos, das 12h às 18h. Informações: 3316-3034. **Ânia Chala**

MÚSICA

Projeto Pixinguinha

Show com o grupo Tira Poeira, formado por cinco jovens instrumentistas que têm em comum a paixão pelo choro e o hábito de frequentar o bairro da Lapa, no Rio de Janeiro; o violonista, cantor e compositor Bado (foto abaixo), e a cantora Leila Maria.
Data: 6 de setembro, terça-feira
Local e horário: Salão de Atos da UFRGS, às 19h
Entrada franca com doação opcional de alimento não perecível. Retirada de senhas na bilheteria do Salão.



PLANETÁRIO

Ciência no Planetário

Palestra "Buracos negros e seu papel na evolução do Universo", com a professora Thaisa Storchi Bergmann, da área de astrofísica.
Data: 5 de setembro, segunda-feira
Local e horário: Sala Multimeios do Planetário, às 19h.
Informações: 3316-6443

Violino e música de câmara

Recital com o violinista e pedagogo norte-americano Eric Rosenblith (veja entrevista publicada na página 13 desta edição); Fredi Gerling, violino; Hella Frank, viola; Rodrigo Silveira, violoncelo; e Cristina Capparelli Gerling, piano.
Data: 14 de setembro, quarta-feira
Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa do Instituto de Artes da UFRGS, às 20h
Entrada franca

Parceria musical UFRGS/Unisinos

Concerto no qual a Orquestra Unisinos interpreta obras de Richard Wagner (*Idílio de Sigfried*), Manuel de Falla (*El Amor Brujo*) e de Arthur Honegger (*Sinfonia nº 2*), tendo como regente o maestro Roberto Duarte e, como solista, a contralto Regina Elena Mesquita, de São Paulo.
Data: 28 de setembro, quarta-feira
Local e horário: Salão de Atos da UFRGS, às 20h
Entrada franca

Projeto Selene

Observação direta do céu através de telescópios. Em caso de céu encoberto, a atividade será cancelada.
Data: 10 e 11 de setembro, sábado e domingo
Local e horário: pátio do Planetário, após o pôr-do-sol.
Entrada franca

CURSOS E PALESTRAS

Cidades-água: patrimônio vivo, memória e identidade cultural

Palestra com Hans Haufe, professor do Instituto de História da Arte da Universidade de Heidelberg, Alemanha, falando da história do urbanismo no Brasil e na América Latina.
Data: 5 de setembro, segunda-feira
Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS, às 19h
Informações e inscrições: 3316-3034 e 3316-3390

O que é a Teoria da Relatividade

Palestra com o professor do Instituto de Física, Sílvio R. Dahmen, abordando idéias desta teoria, bem como sua relevância no nosso dia-a-dia.
Data: 15 de setembro, quinta-feira
Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS, às 19h
Informações e inscrições: 3316-3034 e 3316-3390

Desenhos curriculares em música

Curso em que a professora Maravillas Díaz Gomes, titular da área de Didática da Expressão Musical da Universidade do País Basco, analisa os diversos componentes do currículo de educação musical.
Data: 19 a 23 de setembro
Local e horário: Instituto de Artes, das 14h30min às 18h30min
Inscrições: até 16 de setembro no Departamento de Música do Instituto de Artes (Rua Senhor dos Passos, 248 - 6º andar)
Informações: 3316-4325 ou pelo e-mail extmusica@ufrgs.br

Fotografia

Curso que aborda técnicas de registros visuais, questões de leitura e posturas do fotógrafo em relação ao fato a ser documentado. Aulas teórico-práticas com a fotógrafa Flávia Marques.
Data: 12 de setembro a 4 de outubro, segundas, terças e sextas-feiras
Local e horário: Núcleo de Fotografia da Fabico, das 19h às 21h30min
Informações e inscrições: 3316-5147 ou no site www.ufrgs.br/fotografia

Carl Flesch e a arte do violino

Conferência em que Eric Rosenblith faz uma exposição dos princípios pedagógicos contidos na obra *The Art of Violin Playing*, seguida de sessão de perguntas e respostas.
Data: 15 de setembro, quinta-feira
Local e horário: Instituto de Artes, das 10 às 13h
Entrada franca
Informações: 3316-4325 ou através do e-mail extmusica@ufrgs.br

TEATRO

O amor de Fedra

Espectáculo teatral baseado em texto de Sarah Kane, dirigido por Camila Bauer, formada pelo Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes.
Apresentações: 14, 21 e 28 de setembro, quartas-feiras
Local e horário: Sala Qorpo Santo, às 12h30min e às 19h30min
Entrada franca

EXPOSIÇÕES

Açores & Brasil

Exposição que retrata o patrimônio arquitetônico da região dos Açores. Visitação: até 20 de outubro, de segunda a sexta, das 9h às 18h; sábado, das 12h às 17h
Local: Museu da UFRGS

Nós híbridos

Mostra dos formandos do IA (como Suzana Fontoura, foto), com curadoria da professora Laura Castilhos
Visitação: até 16 de setembro
Local e horário: Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes, de segunda à sexta-feira, das 10h às 18h
Entrada franca



Onde?

- Salão de Atos da UFRGS
Av. Paulo Gama, 110
- Instituto de Artes da UFRGS
Rua Senhor dos Passos, 248
- Sala Redenção
Av. Paulo Gama, s/nº.
- Museu da UFRGS
Av. Osvaldo Aranha, 277
- Planetário da UFRGS
Av. Ipiranga, 2000
- Núcleo de Fotografia da Fabico
Rua Ramiro Barcelos, 2705
- Sala Qorpo Santo
Av. Paulo Gama, s/nº.

Cláudio Accurso: “Somos todos iguais”

Memória Professor da Economia, expurgado durante a ditadura, fala de sua vida dentro e fora do País

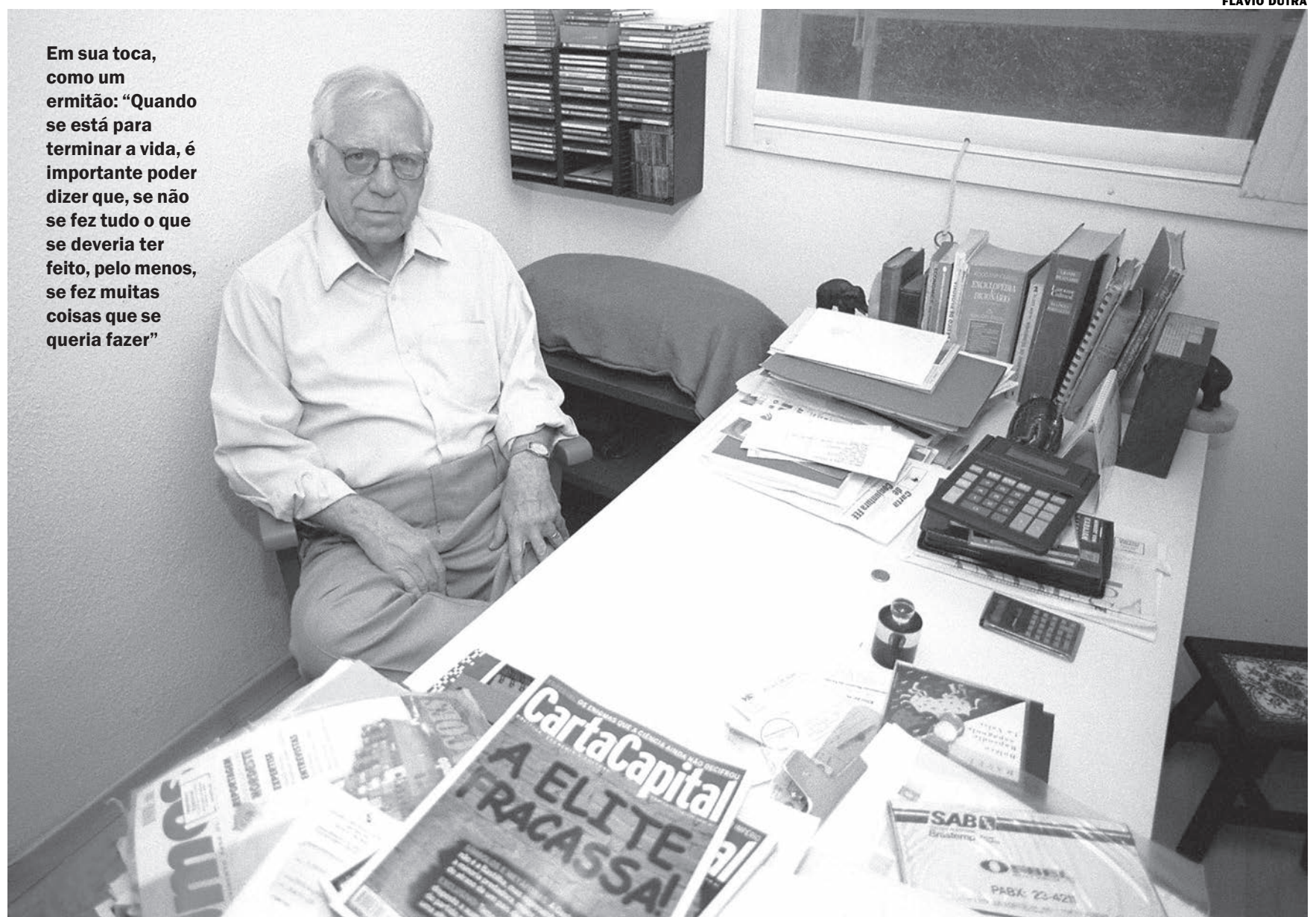
Ademar Vargas de Freitas

Apesar da rica trajetória, o professor e economista Cláudio Francisco Accurso considera-se um homem comum. “Somos todos iguais, valem pelas nossas ações e pela maneira como tratamos nossos semelhantes.” Ele e o irmão gêmeo nasceram durante uma visita da mãe à casa da tia, no dia 7 de julho de 1929. Maria Cândida, a mãe, era generosa e solidária, mas não levava ninguém pra compadre. O pai, Dante Accurso, trabalhava no comércio e era timoneiro no Grêmio Náutico União. Aos domingos, levava os filhos adolescentes para remar.

Cláudio passou por diversas escolas e, depois de prestar o exame do Artigo 91, foi estudar à noite para poder trabalhar de dia na Livraria do Globo. Em 1949, decidiu fazer um curso técnico de Contabilidade. Por essa época, foi aprovado num concurso para o Tribunal de Contas: meio turno, salário quatro vezes maior. Para um rapaz solteiro, tinha caído do céu. Mas, não ficou solteiro por muito tempo. Gostava de bailes, que nem sempre tinha condições de freqüentar, mas foi no ambiente de trabalho que encontrou Therezinha de Jesus da Silva. Namoraram, noivaram, casaram.

Terminado o curso técnico, ficou mais um ano sem estudar. Tinha gostado da cadeira de Economia e se interessado pelos livros de Karl Marx. Depois do vestibular, fez teste para candidatar-se a uma bolsa e teve a confirmação: todo o seu pendente era para a Economia.

Templo do saber – “No dia em que entrei na Universidade, me senti extremamente gratificado. Tinha um respeito religioso pelos professores, pela instituição, achava aquilo um templo do saber. Depois, comecei a me dar conta de que as coisas não eram tão divinas quanto imaginava: os professores não eram tão bons, os exercícios



Em sua toca, como um ermitão: “Quando se está para terminar a vida, é importante poder dizer que, se não se fez tudo o que se deveria ter feito, pelo menos, se fez muitas coisas que se queria fazer”

FLÁVIO DUTRA

não eram os melhores. Claro, tinha gente boa, o professor Temperani Pereira, por exemplo.”

Formou-se em 1956, quando já tinha o primeiro filho, Jorge, e o dinheiro ficava curto. Então, foi convidado a ser assistente de catedrático. Logo, ficou sabendo que a Universidade do Chile abria curso de pós-graduação sobre desenvolvimento econômico e programação econômica. Conseguir uma bolsa foi fácil: ele sempre esteve entre os primeiros. E o Tribunal de Contas lhe deu licença remunerada.

Zero pra você – Em Santiago, teve de encarar uma pensão modesta, aulas em espanhol, bibliografia em inglês (quando era craque em

francês). Para cumprir o programa da Escolatina da Universidade do Chile e no Curso de Programação e Desenvolvimento Econômico da Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina (Cepal), precisava ler 33 páginas por dia, mas às vezes só conseguia ler uma.

Na primeira prova, zero. O professor Jorge Ahumada ralhou: “Não sabes nada, nem estudar”. Arrasado, Accurso resolveu superar-se: entrava na Faculdade às sete da manhã e saía às dez da noite. Com tanta aplicação, chegou a monitor

de alunos em segunda chamada, o que o ajudou a rever a matéria e lhe deu prestígio perante colegas e professores. Ao terminar o curso, seu conceito tinha crescido bastante. E a família também, com os dois filhos que nasceram no Chile.

“Eu só pedia que eles tivessem saúde e caráter. Deu certo: são corretos e justos, sem serem bonzinhos. Jorge é economista; Anselmo é professor de Educação Física; e Cláudia, antes de se decidir pela Fisioterapia, foi atriz e co-autora da primeira montagem da peça ‘Bailei na Curva’, novamente em cartaz, 22 anos após a estréia.”

“Pelo jornal, fiquei sabendo que tinha sido expurgado, só não disseram o porquê”

Hora de voltar – Ahumada o convidou-o a substituí-lo. Mas ele tinha compromisso com a UFRGS, precisava voltar e dar sua contribuição. Voltou e passou a lecionar em

cadeiras opcionais na Economia. Por sua influência, criaram-se mais seis cadeiras, e ele formou quadros para ocupá-las. Trabalhou muito de 1959 até 1964. Aí, veio o golpe militar, e ele entrou na lista de expurgados, sem nunca ficar sabendo por quê.

Quem manda é o americano

Fora da UFRGS, Accurso passou a trabalhar na área privada, mas não se livrou da perseguição. Então, aceitou voltar para o Chile. Antes, deveria passar três meses na Bolívia, substituindo um macroeconomista. Passado esse tempo, o governo boliviano convidou-o a permanecer. Ele aceitou e trouxe a família.

Viveu feliz e entusiasmado até descobrir que o programa de investimento tinha um componente importado bem maior do que aquele que o país podia suportar. Propôs a troca por um programa compatível com a realidade. Na hora de aprovar o novo plano, o ministro do Planejamento fez corpo mole e mandou Accurso falar com o general René Barrientos, recém alçado à presidência, após um golpe militar. Nova

surpresa: Barrientos o aconselhou a procurar o chefe da assistência técnica, na embaixada dos EUA.

Diante disso, o grupo de trabalho resolveu levar a Santiago um informe secreto dirigido às Nações Unidas. Antes de viajar, Accurso cedeu uma cópia do documento a integrantes da guerrilha boliviana, que o repassaram aos jornais. O governo Barrientos lhe deu 24 horas para sair do país.

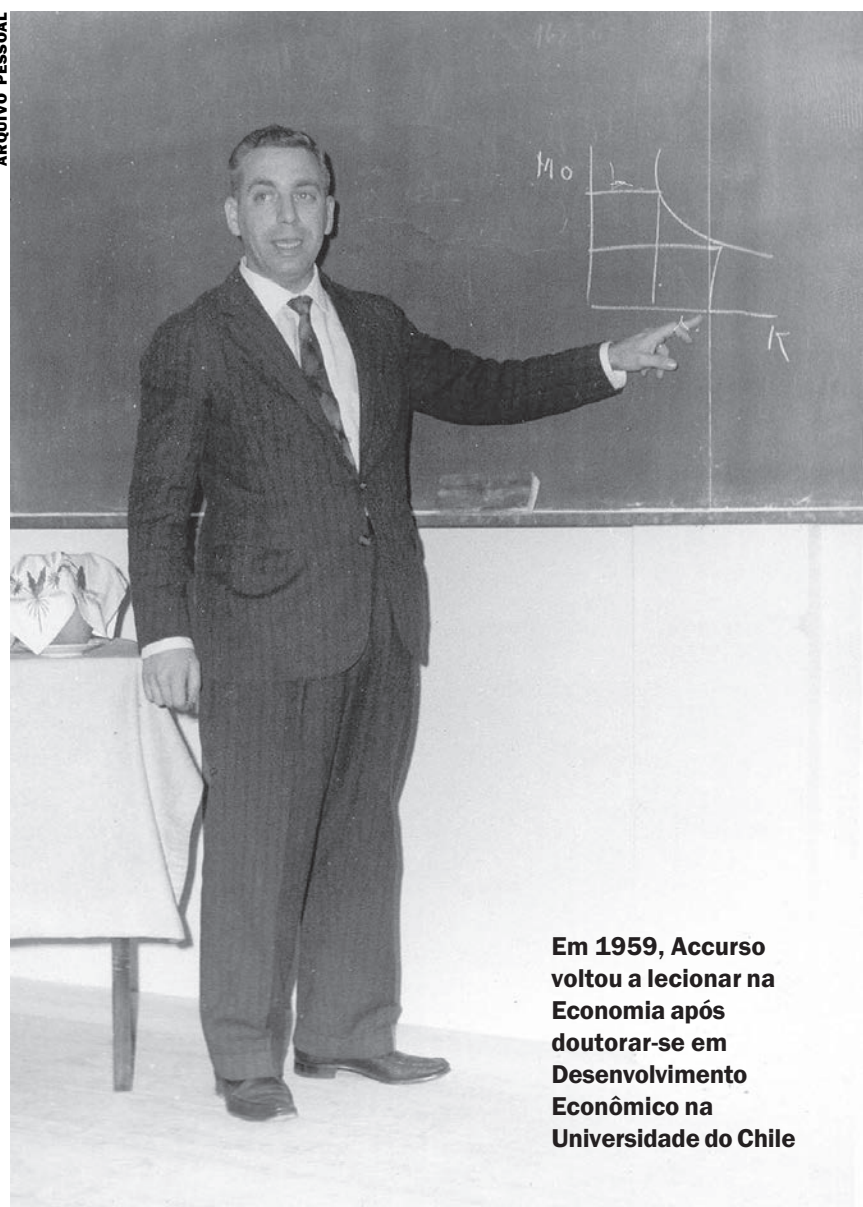
De volta a Porto Alegre, Accurso criou uma empresa consultora que chegou a estar entre as dez maiores do país, mas que fechou devido ao fim dos investimentos públicos na economia. Depois da Anistia, voltou a lecionar na UFRGS. “Mas muita coisa tinha mudado, inclusive a visão de mundo dos alunos: o Centro Acadêmico tinha virado um bar.”

A MÃE TINHA UM RELHO “Éramos quatro. Dante Fernando é gêmeo comigo, mas somos bem diferentes: ele parece mais com Flávio, o mais moço; eu pareço mais com Carlos, o mais velho, já falecido. Irmãos sempre competem, mas éramos solidários, tanto nas travessuras quanto na hora de apanhar. A mãe tinha um relho e quando um de nós saía da bitola ela só nos olhava e já nos enquadrava: era relho ou chinelada.”

BARCO NA PORTA “Em 1941, morávamos na Sete de Setembro, perto do Hotel Majestic, hoje, Casa de Cultura Mario Quintana. Foi ali que a enchente nos pegou: a água cobriu os sete degraus da escada, e o barco chegava na porta. Nós, loucos pra andar de barco, e a mãe de olho em nós. Até que, um dia, saímos, eu e Dante Fernando. Bah, fomos parar lá perto dos quartéis.”

VISITE NOSSA COZINHA “Pedi aposentadoria da UFRGS quando Simon me escolheu para secretário do Planejamento, mas só fiquei dois anos no cargo: caí fora ao ver que o plano não seria executado. Mas estive cinco anos no Conselho Estadual de Educação e quatro anos como diretor de planejamento da Secretaria Estadual de Educação. Queria conhecer a cozinha. E vi que é muito ruim, uma desolação, o Estado não domina nada.”

FUMANDO ESPERO “O ano passado foi o ano da cirurgia: coloquei duas pontes de safena no coração e extraí um tumor da bexiga. Segundo o médico, esse tumor resultou de uma precipitação química, que se acumulou e acabou formando um tecido modificado, conseqüência dos cigarros que fumei, 30 anos depois de ter deixado de fumar.”



Em 1959, Accurso voltou a lecionar na Economia após doutorar-se em Desenvolvimento Econômico na Universidade do Chile

ARQUIVO PESSOAL



Flávio Dutra

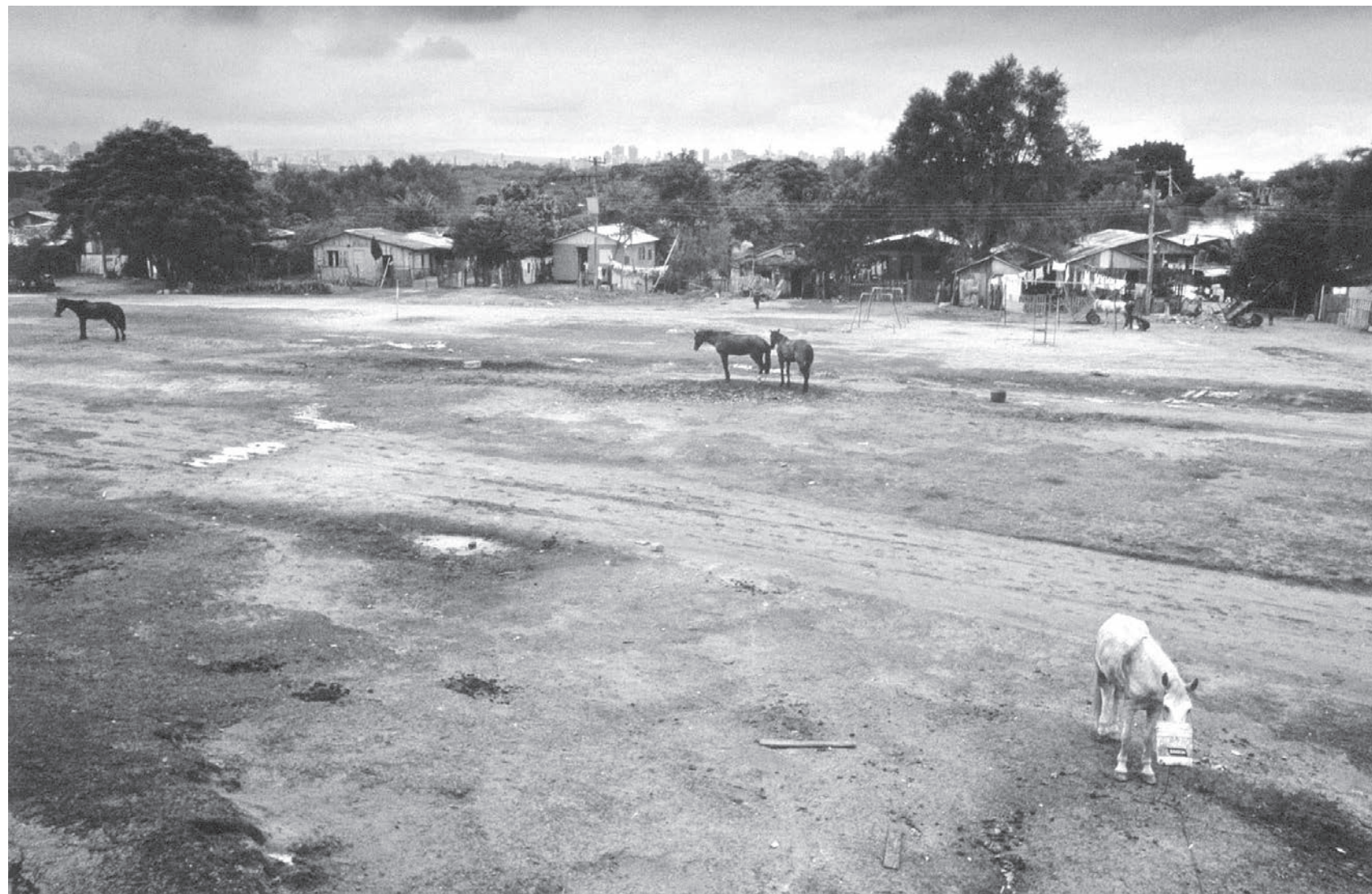
Porto Alegre tem um bairro chamado Arquipélago. Estranho? Talvez não, se pensarmos que a cidade cresceu de costas para o Guaíba. Pois *Arquipélago* é o bairro que agrupa 16 ilhas, inicialmente utilizadas para assentamento dos primeiros açorianos que por aqui chegaram e, mais tarde, adotadas como refúgio para negros fugidos da escravidão. Hoje, seis dessas ilhas são habitadas.

Escondido ou pouco visto pelos porto-alegrenses, o Arquipélago é cheio de história. Porém, história também pouco acessível se vista de passagem, da estrada, ou da cidade, de longe, com olhos de quem não quer ver.

Querendo ver, as fotógrafas Bárbara Aguiar e Denise Helfenstein e o fotógrafo Gustavo Diehl, reunidos em um grupo chamado Câmera Lúcida, foram procurar nas ilhas um pouco dos vestígios dessa história. Vestígios que não são encontrados como ruínas, casas ou sítios arqueológicos, mas sim como histórias, jeitos de viver e tradição.

Além de imagens das ilhas e de seus habitantes os fotógrafos produziram uma oficina de fotografia *pinhole*, na Ilha Grande dos Marinheiros, usando câmeras feitas a partir de latas com pequenos orifícios, restos reaproveitáveis como boa parte das coisas que movimentam a vida dos papeleiros do lugar.

As fotografias apresentadas nesta página foram captadas entre 2002 e 2004, nas Ilhas do Pavão, Grande dos Marinheiros, da Pintada e Mauá.



DENISE HELFENSTEIN



GUSTAVO DIEHL



DENISE HELFENSTEIN



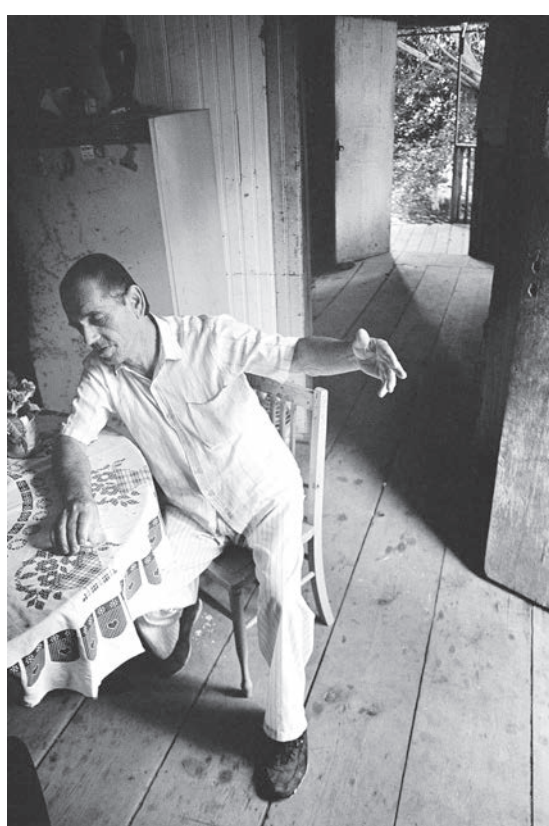
BÁRBARA AGUIAR

Arquipélago

Ilhéus

Deposições

Palafitas



GUSTAVO DIEHL



BÁRBARA AGUIAR



GUSTAVO DIEHL